

UNIP – UNIVERSIDADE UNIP

Instituto de Ciências Humanas

Curso de Pós-Graduação

Psicologia Analítica

Gabriela Ravelli Ratto Martins

**PSICOLOGIA ANALÍTICA E DINHEIRO: IMPACTOS
PSICOLÓGICOS E SIMBÓLICOS DAS FINANÇAS,
AUTONOMIA E SAÚDE MENTAL**

São Paulo

2024

UNIP – UNIVERSIDADE UNIP

Instituto de Ciências Humanas

Curso de Pós-Graduação

Psicologia Analítica

Gabriela Ravelli Ratto Martins

**PSICOLOGIA ANALÍTICA E DINHEIRO: IMPACTOS
PSICOLÓGICOS E SIMBÓLICOS DAS FINANÇAS,
AUTONOMIA E SAÚDE MENTAL**

Relatório Final de Investigação Científica
apresentado como requisito de avaliação do
curso de Pós-Graduação em Psicologia
Analítica da Universidade Paulista.

São Paulo

2024

RESUMO

Este estudo analisa a relação entre o dinheiro, o desenvolvimento do *Self* e a autonomia financeira sob a perspectiva da psicologia analítica. A pesquisa busca compreender que o dinheiro transcende sua função econômica e material, assumindo um papel simbólico e arquetípico moderno que influencia profundamente a psique humana, o inconsciente coletivo e o processo de individuação. O trabalho integra conceitos de finanças comportamentais e de psicologia analítica, explorando o impacto do dinheiro como símbolo de poder, identidade e autonomia nas interações sociais e no bem-estar. Dados recentes indicam que o estresse financeiro é uma das principais causas de problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão, afetando milhões de pessoas. A pesquisa sugere que a integração de aspectos simbólicos e inconscientes nas intervenções de educação financeira e saúde mental pode promover maior autonomia, escolhas financeiras mais conscientes e melhorias na qualidade de vida. Assim, oferece uma contribuição teórica e prática ao propor novas estratégias para psicólogos e educadores financeiros, com o objetivo de melhorar a compreensão dos significados inconscientes do dinheiro, valorizando seu papel no desenvolvimento psicológico e no fortalecimento do *Self*.

Palavras-chaves: Dinheiro; Psicologia Analítica; *Self*; Finanças Comportamentais; Educação Financeira; Saúde Mental.

ABSTRACT

This study explores the relationship between money, Self-development, and financial autonomy from the perspective of analytical psychology. It investigates how money extends beyond its economic and material functions, assuming a symbolic and archetypal role in modern society that significantly influences the human psyche, the collective unconscious, and the process of individuation. The research integrates concepts from behavioral finance and analytical psychology, analyzing the impact of money as a symbol of power, identity, and autonomy in social interactions and overall well-being. Recent studies highlight financial stress as a major contributor to mental health issues, such as anxiety and depression, affecting millions of people worldwide. In light of this, the study suggests that incorporating symbolic and unconscious aspects into financial education and mental health interventions can promote greater autonomy, more conscious financial decision-making, and improvements in quality of life. By bridging theoretical insights with practical applications, this research proposes new strategies for psychologists and financial educators, aiming to deepen the understanding of the unconscious meanings of money and its role in psychological development, ultimately strengthening the *Self*.

Keywords: Money; Analytical Psychology; *Self*; Behavioral Finance; Financial Education; Mental Health.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
1.1 Apresentação do tema.....	6
1.2 Objetivos.....	9
1.2.1 Objetivo Geral	9
1.2 Objetivos Específicos.....	9
1.3 Hipóteses.....	10
1.4 Justificativa.....	10
2. REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1 Psicologia Analítica.....	14
2.2 Dinheiro.....	16
2.3 Arquétipo “Dinheiro”.....	19
2.4 O Papel dos Arquétipos na Compreensão das Atitudes e Comportamentos Financeiros.....	22
2.5 Psicologia Analítica e Finanças Comportamentais: A Conexão Entre Arquétipos, Vieses e Decisões.....	25
2.6 Perspectivas de Gênero na Relação com o Dinheiro.....	30
2.7 Influência do Dinheiro no Desenvolvimento Psicológico e a Individuação.....	31
2.8 Liberdade Financeira e o Impacto na Psique.....	37
2.9 A Importância da Educação Financeira para a Autonomia e Compreensão do Valor Simbólico do Dinheiro.....	38
2.10 Programas de Educação Financeira e a Psicologia Analítica.....	40
3. MÉTODO	43
4. DISCUSSÃO	45
5. CONCLUSÃO	48
6. REFERÊNCIAS	50

1. INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do tema

A relação entre o dinheiro e o desenvolvimento do indivíduo, *Self*, sob a ótica da psicologia analítica, apresenta-se como um tema de grande relevância no contexto atual, tanto no âmbito individual quanto social. É importante ressaltar que o dinheiro, além de sua função como meio de troca econômica, também exerce influência psicológica significativa ao impactar profundamente a psique humana e suas interações sociais. Na psicologia analítica, o dinheiro pode ser compreendido como um arquétipo moderno, um símbolo que transcende seu papel econômico e material, refletindo um conteúdo oculto da mente carregado de significados profundos que se conectam ao inconsciente coletivo e ao processo de individuação. Dessa forma, os símbolos têm uma função compensatória, trazendo à consciência aspectos importantes da vida psíquica que ainda não foram integrados (GILÓ & BONFATTI, 2022). Assim, o dinheiro pode atuar como um veículo de expressão representando não apenas necessidades materiais, mas também aspirações, valores e questões inconscientes que moldam as interações humanas.

Magaldi Filho (2004) explora as interfaces entre feminilidades culturais, religiosas e econômicas, analisando como o dinheiro, enquanto símbolo arquetípico, tem influência nas questões existenciais e a busca pelo sagrado na sociedade contemporânea. Segundo ele, o dinheiro transcende sua função econômica, assumindo um papel de relevância psíquica e arquetípica que dialoga com o inconsciente, moldando as motivações e os valores individuais e coletivos.

Dessa perspectiva, o dinheiro não é apenas uma questão financeira, mas também um elemento essencial da condição humana. De acordo com a American Psychological Association (APA), 72% dos adultos nos Estados Unidos relatam sentir estresse em algum momento devido a questões financeiras (APA, 2022). Esse estresse pode se manifestar em problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão, afetando negativamente o bem-estar geral. No Brasil, um estudo da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), em parceria com a Offerwise Pesquisas, realizada com brasileiros com contas em atraso há

pelo menos três meses, nove em cada dez inadimplentes (97%) afirmaram ter sofrido com algum tipo de sentimento negativo ao descobrir que estavam endividados (CNDL/SPC, 2023), demonstrando a relevância de se abordar a educação financeira como uma questão de saúde pública. Esses dados evidenciam a urgência de uma abordagem que vá além do gerenciamento de recursos, incorporando uma análise profunda do significado psicológico do dinheiro.

A educação financeira é apontada como uma ferramenta fundamental para melhorar a relação das pessoas com suas finanças. O enfoque atual de programas de educação financeira tende a ser técnico e prático, negligenciando o aspecto simbólico e psicológico que influencia comportamentos financeiros (FERREIRA, 2008). De acordo com Souza, Silva e Oliveira (2021), conforme proposto pela Teoria da Perspectiva de Kahneman e Tversky (1979), destacam que as decisões financeiras muitas vezes não seguem um raciocínio estritamente lógico, sendo moldadas por fatores psicológicos. Thaler e Sunstein (2021) introduziram o conceito de “*nudge*” para descrever intervenções sutis que influenciam as escolhas das pessoas sem restringir suas opções, permitindo que ajam de forma mais alinhada aos próprios interesses. No âmbito das finanças comportamentais, servem como pequenos incentivos que orientam as decisões financeiras de maneira indireta, e são úteis em momentos em que as escolhas financeiras sofrem influências emocionais, atuando como um guia para torná-las mais saudáveis, reforçando a ideia de que elas nem sempre são lógicas e racionais, mas sim moldadas por uma interação complexa influenciadas por vieses cognitivos e emocionais.

Shapiro e Burchell (2012), examinam a ansiedade financeira como um fator psicossocial que interfere na capacidade das pessoas de lidar com suas finanças. Essa condição pode incluir reações intensas como medo e estresse em relação ao dinheiro, afetando o bem-estar psicológico e, muitas vezes, levando o indivíduo a evitar o contato com informações financeiras. Esse tipo de evasão atua como um mecanismo de defesa inconsciente, semelhante a uma fobia, onde a pessoa tenta se proteger de sentimentos de desconforto ou inadequação financeira. Portanto, reforça necessidade de uma abordagem integrada entre saúde mental e educação financeira, abordando os aspectos emocionais da

relação com o dinheiro para a promoção de escolhas financeiras mais conscientes.

Essa abordagem multidisciplinar abre perspectivas para psicólogos que desejam integrar questões financeiras em suas práticas clínicas, entendendo que o dinheiro exerce uma influência significativa sobre a saúde mental e o bem-estar emocional dos indivíduos, e que, embora o tema seja frequentemente negligenciado nas sessões terapêuticas, deve ser tratado como uma questão importante (ARGYLE; FURNHAM, 2000). A pressão financeira em uma sociedade competitiva pode levar ao adoecimento psíquico. Problemas como o endividamento, o medo de gastar, e a relação conflituosa com o dinheiro podem ser fontes de estresse e ansiedade. Profundamente entrelaçada com a identidade pessoal, a saúde financeira pode causar crises emocionais (GILÓ & BONFATTI, 2022).

Do ponto de vista ético, esta pesquisa justifica-se na medida em que promove uma reflexão sobre a maneira como os indivíduos lidam com um aspecto fundamental da vida moderna. A educação financeira, quando associada ao desenvolvimento do *Self* – conceito trabalhado pela psicologia analítica – e à consciência dos conteúdos inconscientes relacionados ao dinheiro, pode ajudar a construir comportamentos saudáveis como a poupar e investir, e a prevenir comportamentos autodestrutivos, como o consumismo compulsivo, o endividamento gerador de inadimplência e a evasão da responsabilidade financeira.

Assim, este estudo busca não apenas capacitar indivíduos para gerenciar melhor seus recursos, mas também contribuir para uma compreensão mais profunda do dinheiro como símbolo psicológico, promovendo uma sociedade mais consciente e responsável em suas interações econômicas. Ao associar educação financeira com o desenvolvimento do *Self*, este trabalho oferece uma perspectiva de como a autonomia financeira pode fortalecer o bem-estar psíquico e promover uma maior autonomia e qualidade de vida.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Este estudo tem como objetivo investigar a relação entre o dinheiro e o desenvolvimento do *Self* na psicologia analítica, analisando os impactos psicológicos e simbólicos do dinheiro na psique e nas interações sociais, e propondo abordagens para promover saúde mental e autonomia financeira.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Analisar o significado simbólico do dinheiro na psicologia analítica, com foco em como ele ultrapassa a função econômica e reflete conteúdos inconscientes conectados ao inconsciente coletivo e ao processo de individuação.

- Investigar a relação entre a autonomia financeira e o desenvolvimento do *Self*, identificando como a autonomia financeira pode influenciar a psique humana e contribuir para o processo de individuação.

- Avaliar os impactos psicológicos do dinheiro no bem-estar mental, considerando fatores como estresse, ansiedade e depressão decorrentes de questões financeiras e relacionando esses impactos às interações sociais e à saúde mental dos indivíduos.

- Explorar os fatores psicológicos e simbólicos que influenciam o processo de tomada de decisão financeira, destacando tanto as visões cognitivas e emocionais das finanças comportamentais quanto os conceitos da psicologia analítica, a fim de comparar como essas abordagens explicam os comportamentos financeiros e suas raízes no inconsciente coletivo e indivíduo.

- Propor uma abordagem integrativa entre educação financeira e psicologia analítica, identificando como programas de educação financeira podem incluir aspectos simbólicos e psicológicos para promover maior qualidade de vida e autonomia financeira.

- Identificar os desafios psicológicos associados ao descontrole financeiro e ao consumo compulsivo, analisando suas consequências sobre o bem-estar

psíquico e como esses comportamentos podem ser prevenidos por meio de intervenções psicológicas e educativas.

1.3 Hipóteses

- O dinheiro, na perspectiva da psicologia analítica, atua como um símbolo com profundos significados inconscientes que transcendem seu valor econômico, influenciando diretamente o desenvolvimento do *Self* e o processo de individuação dos indivíduos.

- A autonomia financeira está positivamente relacionada ao bem-estar psicológico dos indivíduos, uma vez que promove maior controle sobre as decisões de vida, contribuindo para a diminuição de sintomas de estresse e ansiedade relacionados às finanças.

- A integração de aspectos simbólicos e psicológicos em programas de educação financeira pode melhorar significativamente o comportamento financeiro dos indivíduos.

1.4 Justificativa

A presente pesquisa se justifica pela crescente necessidade de compreender as complexas interações entre aspectos financeiros e psicológicos da modernidade, diante do aumento de problemas relacionados ao estresse financeiro e suas consequências para a saúde mental. O dinheiro, ao transcender sua função econômica, assume um caráter simbólico, influenciando o comportamento humano de inúmeras maneiras. Sob a perspectiva da psicologia analítica, o dinheiro pode ser entendido como um arquétipo moderno, carregando significados que ultrapassam sua utilidade material, representando valores, autonomia e poder, afetando diretamente o desenvolvimento do *Self* e o processo de individuação (JUNG, 2014). Essa leitura permite uma compreensão mais profunda das dinâmicas psíquicas subjacentes ao comportamento financeiro.

Este estudo busca integrar os princípios da psicologia analítica e das finanças comportamentais, promovendo um diálogo entre essas duas abordagens. Enquanto as finanças comportamentais, representadas por autores como Thaler e Sunstein (2021), destacam que as decisões financeiras são frequentemente moldadas por visões cognitivas e emocionais, a psicologia

analítica oferece uma compreensão mais profunda do dinheiro como um símbolo conectado ao inconsciente coletivo e aos desejos inconscientes . Ao preencher essa lacuna na literatura, este trabalho propõe uma nova perspectiva capaz de transformar tanto a prática clínica psicológica quanto os programas de educação financeira, abrangendo não apenas os aspectos técnicos da gestão financeira, mas também os significados simbólicos que influenciam as escolhas e comportamentos financeiros.

A relevância dessa pesquisa também é evidenciada por dados preocupantes sobre o impacto das finanças na saúde mental. A ansiedade financeira tem se tornado um fenômeno crescente, refletido em sintomas físicos e psicológicos que impactam diretamente o bem-estar das pessoas. Estudo realizado pela *Lending Tree* revela que mais de 50% do grupo entrevistado relataram aceleração dos batimentos cardíacos ao lidar com questões financeiras, como pagar contas ou revisar seus extratos bancários. Além disso, 11% dos entrevistados relataram sentir mal-estar ao analisar suas finanças, evidenciando uma relação direta entre a gestão do dinheiro e o estresse emocional (ANXIETY AND DEPRESSION ASSOCIATION OF AMERICA, 2023).

De acordo com a *American Psychological Association* (APA, 2022), cerca de 72% dos adultos nos Estados Unidos relatam sentir estresse em algum momento devido a questões financeiras. No Brasil, um levantamento realizado pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) apontou que 90% dos brasileiros sentem que o descontrole financeiro afeta diretamente sua saúde emocional, gerando quadros de ansiedade, depressão e insônia (CNDL/SPC, 2023). Esses números evidenciam que a relação com o dinheiro ultrapassa o âmbito puramente econômico, sendo uma questão de saúde pública com impactos diretos na psique.

Além disso, esta pesquisa busca fornecer subsídios para intervenções práticas em saúde mental e programas de educação financeira. Os resultados poderão embasar novas abordagens terapêuticas para psicólogos que desejam integrar questões financeiras nas sessões, oferecendo uma compreensão mais ampla de como o dinheiro afeta o desenvolvimento emocional e o bem-estar psicológico dos indivíduos. Essa contribuição é importante, uma vez que o tema financeiro muitas vezes é negligenciado nas terapias tradicionais, apesar de seu

impacto significativo na vida emocional dos pacientes (ARGYLE; FURNHAM, 2000).

Por outro lado, a pesquisa poderá informar gestores de políticas públicas e educadores financeiros, destacando a importância de incluir aspectos simbólicos e psicológicos nos programas de educação financeira. A atual abordagem técnica e prática desses programas tende a ignorar os fatores emocionais que influenciam comportamentos financeiros, resultando em intervenções menos eficazes a longo prazo (FERREIRA, 2008). Ao incorporar conceitos da psicologia analítica, como o inconsciente coletivo e o processo de individuação, a pesquisa propõe uma educação financeira mais integrada, que aborde tanto as competências práticas quanto as questões inconscientes que guiam as decisões econômicas.

Do ponto de vista ético, esta pesquisa oferece uma reflexão crítica e necessária sobre a maneira como os indivíduos lidam com suas finanças, e como essas interações impactam o bem-estar psicológico. Problemas como o consumismo compulsivo, o endividamento crônico e a evasão da responsabilidade financeira são fontes comuns de sofrimento psíquico em sociedades contemporâneas, marcadas pela pressão por sucesso econômico e pela idealização do consumo (GILÓ & BONFATTI, 2022). O dinheiro, neste contexto, torna-se mais do que um recurso material, ele é um símbolo de poder, identidade e valor pessoal. Ao entender como essas questões afetam o processo de individuação, conforme discutido por Jung (2013), é possível fomentar maior autonomia e qualidade de vida por meio de intervenções psicológicas e educacionais.

Este estudo é relevante para diferentes públicos. Jovens adultos em fase de transição para a vida financeira independente e indivíduos em situação de endividamento poderão se beneficiar diretamente das reflexões apresentadas. Além disso, gestores de políticas públicas, psicólogos e educadores financeiros poderão utilizar as conclusões da pesquisa para desenvolver intervenções mais eficazes, com foco não apenas no gerenciamento de recursos, mas também na promoção da saúde mental e do bem-estar financeiro de populações economicamente vulneráveis.

Em síntese, a pesquisa se mostra relevante tanto do ponto de vista teórico quanto prático. Teoricamente, ela contribui para o desenvolvimento do campo da

psicologia analítica e das finanças comportamentais ao integrar conceitos de diferentes áreas do saber, proporcionando uma compreensão mais completa do papel simbólico e psicológico do dinheiro na vida das pessoas. Do ponto de vista prático, ela poderá servir de base para a criação de programas e intervenções que promovam comportamentos financeiros mais saudáveis, fomentem a autonomia financeira e, conseqüentemente, melhorem a qualidade de vida.

Portanto, este estudo oferece uma contribuição essencial para integrar a dimensão simbólica do dinheiro na prática da educação financeira e da saúde mental, propondo uma perspectiva que visa não apenas ao controle de recursos, mas à promoção da independência financeira e do bem-estar emocional.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Psicologia Analítica

A psicologia analítica, proposta por Carl Gustav Jung, oferece uma abordagem abrangente para compreender a psique humana, enfocando a interação dinâmica entre o consciente e o inconsciente. Para Jung, o ego é o centro da consciência, sendo responsável pela identidade pessoal e pela percepção do mundo exterior. No entanto, ele enfatiza que o ego é apenas uma parte da psique, organizando as experiências conscientes e dando continuidade ao senso de "eu" ao longo do tempo. Juntamente com ele, há o inconsciente que também exerce uma influência significativa sobre os pensamentos, emoções e comportamentos do indivíduo (JUNG, 2012).

O inconsciente é subdividido em duas camadas principais, o inconsciente pessoal, composto por conteúdos reprimidos ou esquecidos pela consciência, e o inconsciente coletivo, composto por símbolos arquetípicos que podem emergir na consciência por meio de sonhos, fantasias e manifestações simbólicas (JUNG, 2014).

Um conceito fundamental para essa ciência é o processo de individuação, definido como a integração dos conteúdos conscientes e inconscientes da psique. Esse processo permite que o indivíduo alcance a si mesmo, considerado o arquétipo central e organizador da psique, o *Self*. A individuação, portanto, é uma jornada dinâmica e contínua, na qual o ego precisa reconhecer a existência e a importância do inconsciente, integrando seus conteúdos de forma equilibrada para promover harmonia interna.

Os arquétipos, como estruturas psíquicas inatas e universais, desempenham um papel essencial para compreensão da abordagem analítica. Jung os define como formas típicas de comportamento que ocorrem sempre e em toda parte. São padrões recorrentes que moldam a experiência humana e aparecem espontaneamente em sonhos e narrativas culturais (JUNG, 2014), como por exemplo o herói, a sabedoria, a anima/animus e o *Self*. Esses padrões universais moldam a experiência humana e orientam o indivíduo à individuação.

Como símbolo arquetípico, a sombra é um dos primeiros aspectos confrontados nesse processo. A integração da sombra requer acessibilidade de partes rejeitadas ou negligenciadas pelo ego, promovendo uma psique saudável.

Jung descreve a sombra como uma personalidade viva dentro de nós, o eu que não desejamos ser (JUNG, 2012). A recusa em integrar a sombra pode levar às neuroses, enquanto sua acessibilidade fortalece o *Self*.

Além da sombra, os arquétipos fornecem uma base psíquica que orientam o indivíduo ao longo da vida. Eles conectaram experiências individuais a padrões universais, promovendo uma compreensão mais ampla da condição humana. Como salienta Stevens (2003), os arquétipos são imagens primordiais que oferecem ao indivíduo um senso de pertencimento e de integração com a humanidade, ajudando-o a enfrentar desafios e a compreender suas próprias experiências em um contexto mais amplo.

Nesse sentido, os símbolos desempenham um papel de mediador entre o indivíduo e o mundo. Embora determinados símbolos, como o dinheiro, apresentem aspectos universais — meio de troca ou um papel-moeda —, suas interpretações variam de acordo com a experiência subjetiva do *Self*. Para alguns, o dinheiro pode simbolizar segurança, para outros, poder, liberdade ou uma fonte de ansiedade. Como Jung (2013) destaca, o *Self* é a totalidade da personalidade, consciente e inconsciente, e inclui tanto os aspectos comuns da psique humana quanto os elementos únicos de cada indivíduo.

Dessa forma, considerando que vivemos em uma sociedade essencialmente capitalista — um sistema econômico voltado para o lucro, a acumulação de riquezas e fundamentado na propriedade privada dos meios de produção —, o dinheiro ocupa uma posição central na construção da personalidade. A quantidade de dinheiro que um indivíduo possui, seja muito ou pouco, influencia significativamente a forma como ele lida com o mundo e obtém as informações que o cercam. Como aponta Han (2019), em uma sociedade do desempenho e da produtividade, o valor econômico é frequentemente internalizado como um reflexo do valor pessoal. Além disso, a educação de qualidade, muitas vezes associada a uma construção psíquica mais robusta, também tem um custo, reforçando a ideia de que o acesso às oportunidades está profundamente entrelaçado com o poder aquisitivo.

Por meio da integração dos arquétipos, o indivíduo é capaz de unir os aspectos fragmentados de sua psique em uma humanidade coerente. Essa integração culmina no fortalecimento do eu e na busca pelo equilíbrio interno. Como Jung (2013) enfatiza, individualizar-se significa tornar-se um ser único e, na

medida do possível, total. Sendo assim, o processo de individuação é fundamental para o desenvolvimento da personalidade e para o autoconhecimento, permitindo que o indivíduo perceba sua singularidade ao integrar os aspectos conscientes e inconscientes da psique.

2.2 Dinheiro

O dinheiro é um conceito complexo que transcende sua função prática como meio de troca, assumindo significados simbólicos que influenciam tanto nas relações sociais quanto na construção da subjetividade individual. Conforme apontado por Hart (2019), o dinheiro reflete os valores de uma sociedade, funcionando como um meio que conecta aspirações, medos e preferências pessoais com os contextos sociais. Essa dualidade ressalta que o ser humano é, ao mesmo tempo, um ser social e pessoal, cujas vivências são moldadas por interações e valores contextuais, mediadas pela presença simbólica do dinheiro.

Do ponto de vista sociológico, autores como Karl Marx, Max Weber e Georg Simmel destacaram como o dinheiro estrutura as dinâmicas sociais e redefine as relações humanas.

Karl Marx (2013), descreve o dinheiro como um elemento central na alienação do trabalhador no sistema capitalista. Para ele, o dinheiro se transforma em um fim em si mesmo, obscurecendo as relações humanas por trás da produção e do trabalho. O conceito de "fetichismo da mercadoria", elaborado por Marx, descreve como, no capitalismo, as mercadorias e o dinheiro aparentam ter um valor intrínseco, independente das relações sociais que os desempenham. Isso ocorre porque o trabalho humano, verdadeiro criador do valor, é ocultado no processo de troca, fazendo com que os objetos pareçam prontos, com valor próprio. Assim, as interações humanas que produzem bens e riqueza são mascaradas, desumanizando as relações e distanciando as pessoas da essência coletiva do trabalho. Por exemplo, ao adquirir um produto, raramente se reflete sobre as condições de trabalho ou as histórias dos indivíduos que o produziram, o valor parece estar relacionado ao objeto, quando, na verdade, é fruto de um esforço coletivo. Para Marx, esses efeitos reforçam uma visão alienada e individualista da economia, onde bens e dinheiro são vistos como fins em si mesmos, e não como ferramentas para atender às necessidades humanas.

Max Weber (2004), analisa como o dinheiro se conecta à racionalização da vida econômica moderna. Weber sugere que a ética protestante legitima a acumulação de riquezas como um sinal de virtude e aprovação divina, consolidando o capitalismo como um sistema econômico dominante. Contudo, ele alerta que essa racionalidade econômica instrumentaliza as relações humanas, subordinando-as aos gastos planejados e reduzindo sua espontaneidade e profundidade emocional.

Segundo Russo (2011), Georg Simmel explora como o dinheiro atua como mediador das relações sociais, permitindo maior liberdade individual ao romper com dependências tradicionais e permite que as pessoas interajam com um número maior de indivíduos de forma mais prática e objetiva. No entanto, ele também observa que essa liberdade é acompanhada por um custo, o dinheiro despersonaliza as relações, transformando interações humanas em transações estratégicas e calculáveis, onde valores subjetivos, como emoções, interesses e significados pessoais, são limitados a valores quantitativos e financeiros.

Simmel observa que o dinheiro introduz um tipo de racionalidade que reconfigura a percepção de valor, atualizando qualidades intrínsecas e subjetivas por uma padronização numérica. Isso, embora facilite o comércio e a autonomia, gera um senso de alienação, pois as conexões interpessoais se tornam menos úteis e mais funcionais. Ele também reflete sobre como o dinheiro contribui para o anonimato e a impessoalidade nas grandes cidades, permitindo que as pessoas se desliguem emocionalmente umas das outras, o que, paradoxalmente, aumenta a liberdade, mas reduz o significado das relações humanas. Assim, o dinheiro não apenas molda a economia, mas também transforma profundamente as estruturas sociais e a experiência subjetiva de viver em sociedade.

Axel Capriles (2009), em sua obra "Dinheiro: Sanidade ou Loucura?", aprofunda essa visão ao destacar que o dinheiro, ao se tornar uma ferramenta de poder e autonomia, também pode desestabilizar a psique humana, desencadeando comportamentos compulsivos e conflitos emocionais. Segundo ele, o dinheiro atua como uma projeção psíquica, simbolizando medos e desejos inconscientes, o que o torna tanto um elemento de alienação quanto uma oportunidade de integração psicológica.

A psicologia oferece uma visão complementar, destacando os impactos emocionais e subjetivos do dinheiro. Hutz (2015), analisa como o dinheiro afeta a autoestima, as relações interpessoais e o bem-estar. Ele argumenta que, em muitas culturas, o dinheiro é um marcador de valor pessoal, associado a poder, status e sucesso. Essa associação pode gerar insegurança emocional, especialmente quando as expectativas financeiras não são alcançadas, levando a comportamentos compensatórios, como consumo excessivo ou busca por validação social.

Lockhart (2001), em “Dinheiro e Alma”, explora o dinheiro como um símbolo arquetípico capaz de conectar o mundo material ao espiritual. Ele sugere que a relação saudável com o dinheiro envolve um equilíbrio simbólico, no qual este deve ser encarado como um meio para alcançar propósitos maiores, e não como um fim absoluto, o que reforça a necessidade de transformar a relação com o dinheiro, ressignificando-o como um veículo para expressão do *Self* e para o desenvolvimento psicológico.

Hutz (2015), também explora o papel do dinheiro nos relacionamentos. A compatibilidade financeira entre parceiros, segundo ele, é tão importante quanto o emocional, sendo fundamental para o sucesso das relações afetivas. Um estudo do *Journal of Financial Therapy* (2021) revelou que 70% dos casais compartilham o dinheiro uma fonte significativa de conflito, enquanto a Kansas State University (2019) apontou que diferenças financeiras são um dos principais preditores de estresse e conflitos. Esses dados reforçam a necessidade de diálogo e alinhamento sobre questões financeiras para garantir harmonia nos relacionamentos.

Cross e Baumeister (2003), ampliam a discussão ao introduzir o conceito de adaptação hedônica. Esse é descrito como as pessoas tendem a se ajustar rapidamente às mudanças financeiras, sejam positivas ou negativas, retornando a um estado emocional de base. Por exemplo, ganhar um aumento significativo pode gerar felicidade momentânea, mas, com o tempo, o impacto positivo diminui, levando a uma busca contínua por mais riqueza. Da mesma forma, perdas financeiras inicialmente devastadoras podem ser superadas emocionalmente à medida que o indivíduo se adapta à nova realidade. Esse conceito revela que, após a satisfação das necessidades básicas, o dinheiro tem uma capacidade limitada para proporcionar felicidade e tristeza.

O dinheiro, portanto, opera como um elo entre o coletivo e o individual. Ele simboliza os valores de uma sociedade, mas também reflete as necessidades e aspirações pessoais. Para uma convivência saudável com o dinheiro, é necessário interpretar os valores do contexto social sem perder de vista os objetivos individuais. Essa leitura simbólica exige equilíbrio, o dinheiro deve ser um meio para promover o bem-estar e o desenvolvimento, e não um fim absoluto que aliena ou desumaniza.

Quando utilizado com consciência e ética, o dinheiro pode servir como uma ferramenta de conexão, fortalecendo não apenas os laços interpessoais, mas também promovendo uma vida mais equilibrada e alinhada aos valores autênticos de cada indivíduo. A integração harmoniosa entre os valores coletivos e pessoais é necessária para viver satisfatoriamente em um mundo onde o dinheiro desempenha um papel central.

2.3 Arquétipo “Dinheiro”

Na psicologia analítica de Carl Gustav Jung, o conceito de arquétipos representa padrões universais e atemporais que moldam a psique humana. Embora o dinheiro não figure entre os arquétipos clássicos descritos por Jung, ele pode ser considerado um arquétipo moderno, profundamente conectado ao inconsciente coletivo. Segundo Vieira (2017), o dinheiro apresenta uma dimensão simbólica que vai além de sua função econômica, ocupando um papel central em aspectos psicológicos, sociais e culturais. Sua função transcende o valor econômico, atuando como um símbolo multifacetado de poder, segurança, troca, autonomia e, muitas vezes, conflito interno. Conforme destaca Zanello et al. (2015), a relação com o dinheiro é permeada por aspectos emocionais e inconscientes que influenciam decisões e comportamentos.

O dinheiro surge como um arquétipo moderno em resposta à evolução das sociedades e à complexidade das relações econômicas. À medida que o ser humano substituiu as formas primitivas de troca, objetos como metais preciosos e, posteriormente, o papel-moeda e o dinheiro digital adquiriram valor simbólico. Esse valor, no entanto, não reside no objeto em si, mas nos significados atribuídos a ele pelas coletividades humanas. Segundo Jung (2014), os

arquétipos encontram expressão nos objetos que capturam e simbolizam as necessidades e os desejos profundos do inconsciente.

Capriles (2009), descreve o dinheiro como uma projeção psíquica que reflete medos inconscientes, ambições e a busca por poder. O dinheiro pode simbolizar tanto a segurança e autonomia quanto desencadear comportamentos obsessivos, como o desejo insaciável de acumulação. Essa dualidade do dinheiro como arquétipo reflete um aspecto essencial da psique humana, a constante tensão entre os impulsos de crescimento e as sombras do medo e da ganância.

De acordo com Meirelles (2012), as atitudes e crenças em relação ao dinheiro variam significativamente entre os indivíduos, sendo influenciadas por complexos inconscientes que moldam decisões financeiras. Quando essas crenças não são ressignificadas, podem resultar em comportamentos disfuncionais, como o consumismo compulsivo ou a aversão extrema ao dinheiro. Esses padrões podem ser entendidos como manifestações da sombra, onde o indivíduo projeta no dinheiro seus medos ou desejos reprimidos.

Como símbolo de poder, o dinheiro reflete a capacidade de influência e domínio sobre o ambiente e os outros. Ele responde a desejos arquetípicos de sobrevivência e controle, tornando-se uma projeção de necessidades inconscientes. Assim, o dinheiro se conecta a aspectos arquetípicos como a busca por segurança, representada no inconsciente coletivo pela Mãe ou pela Grande Provedora, e a afirmação de status relacionada ao arquétipo do Herói ou do Rei.

Lockhart (2001), complementa ao ressaltar que o dinheiro também atua como um mediador entre o mundo material e o espiritual. Ele afirma que, quando integrado de forma saudável, o dinheiro pode representar liberdade e propósito, mas, quando mal compreendido, torna-se um símbolo de alienação e aprisionamento. Essa perspectiva conecta o dinheiro à jornada de individuação descrita por Jung, na qual o indivíduo busca integrar os aspectos conscientes e inconscientes de sua psique.

De acordo com o trabalho de Giló e Bonfatti (2022), o dinheiro, como símbolo, pode ser usado terapeuticamente para promover a integração da sombra e facilitar a individuação. Por exemplo, comportamentos como o desejo insaciável por acumulação refletem inseguranças profundas relacionadas à sobrevivência,

enquanto a aversão ao dinheiro pode ocultar uma relação conflituosa com o desejo de autonomia. Essas projeções inconscientes precisam ser confrontadas e ressignificadas para permitir o crescimento psicológico.

O dinheiro também ilumina aspectos da sombra, conceito que Jung define como os conteúdos reprimidos ou rejeitados pelo consciente. Ganância, medo de escassez, obsessão pelo status e apego ao sucesso material são projeções comuns sobre o dinheiro, refletindo conflitos internos não resolvidos. Jung (2012) observa que a sombra contém tanto o potencial criativo quanto os aspectos destrutivos do inconsciente, e confrontá-la é essencial para o avanço no processo de individuação. Giló e Bonfatti (2022) também destacam que essas manifestações da sombra podem ser trabalhadas em contextos terapêuticos, onde a ressignificação dos significados simbólicos do dinheiro contribui para a integração psíquica e a redução de comportamentos autossabotadores.

Por exemplo, uma obsessão excessiva por acumular riqueza pode refletir inseguranças profundas relacionadas à sobrevivência ou ao medo da exclusão social. Por outro lado, o desprezo pelo dinheiro, muitas vezes disfarçado de virtude, pode ocultar uma relação conflituosa com a ambição ou o desejo de autonomia.

A individuação, conceito central da psicologia analítica, refere-se ao processo pelo qual o indivíduo integra os aspectos conscientes e inconscientes de sua psique, movendo-se em direção ao *Self*, o arquétipo da totalidade. Nesse contexto, o dinheiro desempenha um papel que ao mesmo tempo que pode alienar o indivíduo, também pode simbolizar liberdade e autonomia, dependendo de como ele é integrado à psique.

A autonomia financeira, por exemplo, é frequentemente vista como um marco no processo de individuação. Quando um indivíduo conquista liberdade em relação à dependência financeira, ele ganha a capacidade de fazer escolhas mais homologadas aos seus valores internos. Jung (2013) sugere que a integração do *Self* depende de um equilíbrio entre as demandas internas e as influências externas, sendo o dinheiro uma ponte entre esses dois mundos.

Além de seu valor material, o dinheiro possui um significado simbólico profundo. Na sociedade contemporânea, ele frequentemente representa sucesso, status e realização pessoal. Contudo, quando o dinheiro é percebido como um fim em si mesmo, ele pode se tornar um elemento alienante,

desconectando o indivíduo de seus valores essenciais. Doran (2019) ressalta que a relação saudável com o dinheiro envolve sua percepção como um meio para alcançar propósitos maiores, e não como um objetivo final.

O arquétipo do dinheiro, como expressão moderna do inconsciente coletivo, reflete os desafios e oportunidades da psique contemporânea. Ele incorpora tanto os aspectos luminosos quanto os sombrios da personalidade, sendo um elemento central na jornada de individuação. Ao compreender o dinheiro como um arquétipo moderno, torna-se evidente que ele não apenas reflete, mas também influencia as dinâmicas psicológicas e culturais de uma sociedade. Sua integração saudável depende de um entendimento simbólico que permita ressignificar medos e conflitos, transformando o dinheiro em uma ferramenta para realização e expressão do *Self*.

2.4 O Papel dos Arquétipos na Compreensão das Atitudes e Comportamentos Financeiros

Os arquétipos desempenham um papel crucial na compreensão das atitudes e comportamentos financeiros, revelando padrões inconscientes que moldam a relação das pessoas com o dinheiro. Na psicologia analítica, os arquétipos são compreendidos como estruturas universais que emergem do inconsciente coletivo, e afetam as decisões financeiras e os significados atribuídos ao dinheiro. Jung argumenta que os arquétipos não são fixos, mas potenciais de comportamento que podem se manifestar de diferentes maneiras, dependendo da cultura, do momento histórico e da psique individual. Eles podem emergir em sonhos, delírios, religiões, mitologias e até na forma como nos relacionamos com o dinheiro, o trabalho e a vida social. (JUNG, 2014).

No contexto financeiro, arquétipos como o “*Puer Aeternus*” e o “Velho Sábio” representam forças simbólicas que influenciam tanto a maneira como as pessoas lidam com recursos quanto aos significados que atribuem a eles.

O arquétipo do “*Puer Aeternus*”, ou “Jovem Eterno”, como explorado por Von Franz (2000), reflete uma resistência à maturidade e às responsabilidades da vida adulta, é descrito como o arquétipo da eterna juventude, liberdade e impulsividade. No contexto financeiro, frequentemente se manifesta por meio de comportamentos em situações adversas para a gratificação imediata, como

gastos excessivos, ausência de planejamento a longo prazo e resistência às responsabilidades financeiras. Indivíduos sob a influência desse arquétipo, ainda não integrado, tendem a evitar as limitações da vida adulta, vendo o dinheiro mais como uma fonte de prazer momentâneo do que como uma ferramenta para a construção de autonomia e segurança. Essa perspectiva pode gerar uma relação disfuncional com o dinheiro, levando a desequilíbrios financeiros.

Por outro lado, o arquétipo do “Velho Sábio”, descrito por Jung (2014), está associado à maturidade, reflexão, sabedoria, prudência e uma visão reflexiva da vida. No contexto financeiro, esse arquétipo, quando integrado, promove comportamentos alinhados ao planejamento responsável e ao uso consciente dos recursos e a segurança. Sob sua influência, o dinheiro é visto como um símbolo de estabilidade e legado, servindo como uma ferramenta para alcançar objetivos de longo prazo e garantir o bem-estar das gerações futuras. Este arquétipo encoraja comportamentos financeiros que priorizam a acumulação de patrimônio e a sustentabilidade, ajudando a evitar decisões impulsivas e priorizar estratégias que garantam segurança e prosperidade de longo prazo.

Integrar os arquétipos do “*Puer Aeternus*” e do “Velho Sábio” é essencial para uma abordagem financeira saudável. Enquanto a energia criativa do “*Puer*” inspira coragem e inovação, a sabedoria do “Velho” garante decisões fundamentadas e responsáveis (HENDERSON, 2006). Esse equilíbrio e a integração dos arquétipos, pode levar a uma relação mais consciente com o dinheiro, promovendo comportamentos financeiros que alinham liberdade com responsabilidade.

Outros arquétipos financeiros, como o Sábio, o Explorador, o Provedor e a Sombra do Avaro, também ajudam a decifrar as dinâmicas simbólicas que moldam as atitudes em relação ao dinheiro. Como apontam estudos como o de Peifer (2017), o dinheiro pode ser entendido como uma expressão de padrões arquetípicos e comportamentais, destacando seu impacto no desenvolvimento psicológico e na individuação. Lockhart (2001) complementa que a influência desses arquétipos financeiros transcende os aspectos racionais das decisões, refletindo as narrativas inconscientes que moldam as escolhas econômicas e os valores culturais associados ao dinheiro. A análise simbólica do dinheiro ajuda a identificar como as manifestações arquetípicas influenciam as atitudes financeiras, revelando conflitos inconscientes e oportunidades de crescimento.

O Sábio, representa o arquétipo do conhecimento e da racionalidade (JUNG, 2014). Este arquétipo incentiva uma abordagem cuidadosa e analítica em relação ao dinheiro, caracterizada por decisões bem-informadas e planejamento financeiro a longo prazo. Indivíduos sob a influência do Sábio tendem a priorizar investimentos seguros e estratégias financeiras fundamentadas em informações sólidas, com um foco em metas que promovam estabilidade e crescimento contínuo.

O Explorador, por outro lado, reflete o desejo de liberdade e a busca por novas experiências (JUNG, 2014). No contexto financeiro, o Explorador inspira comportamentos específicos para a inovação e a experimentação, como investir em empreendimentos arriscados ou explorar mercados financeiros emergentes. Esse comportamento arquetípico é frequentemente associado a empreendedores e investidores que valorizam a autonomia e enxergam o dinheiro como uma ferramenta para expandir horizontes e conquistar independência.

O Provedor simboliza responsabilidade, cuidado e altruísmo, com foco em garantir segurança financeira para outras pessoas, como familiares ou comunidades (JUNG, 2014). Indivíduos influenciados por este arquétipo adotam frequentemente práticas financeiras que privilegiam a poupança, o planejamento familiar e o bem-estar coletivo. O Provedor tende a ver o dinheiro não apenas como um recurso pessoal, mas como um meio de cuidar dos outros, muitas vezes sacrificando gratificações imediatas para garantir um futuro seguro para seus entes queridos.

Por fim, a Sombra do Avaro representa um arquétipo, associado ao medo da escassez e ao apego excessivo aos recursos (JUNG, 2014). Indivíduos dominados por essa sombra podem exibir comportamentos compulsivos de acumulação ou aversão ao gasto, mesmo quando possuem recursos suficientes para viver confortavelmente. Essa relação disfuncional com o dinheiro muitas vezes reflete preocupações inconscientes sobre segurança e sobrevivência, que podem restringir a capacidade de aproveitar os benefícios materiais conquistados.

Esses arquétipos muitas vezes entram em conflito dentro da psique, moldando atitudes e comportamentos financeiros de maneiras únicas. Conforme explorado por Peifer (2017), destaca que o dinheiro não é apenas uma

ferramenta prática, mas também um símbolo poderoso de valores pessoais e culturais. Capriles (2009) reforça que esses conflitos internos podem ser transformados ao integrar as projeções sobre o dinheiro, promovendo uma relação simbólica mais saudável e equilibrada. Ao compreender as influências arquetípicas, é possível ajudar os indivíduos a desenvolverem uma relação mais equilibrada com suas finanças, registrando tanto os impulsos inconscientes quanto os objetivos conscientes. Como destaca Money (2016), a natureza simbólica do dinheiro desempenha um papel central na construção de autonomia e segurança, alinhando-se ao potencial transformador da educação financeira para promover comportamentos mais conscientes.

Ao considerar todos esses aspectos, os arquétipos revelam que as atitudes financeiras são expressões simbólicas de desejos inconscientes e necessidades psicológicas. Essa perspectiva, como destacada por Jung (2014), oferece uma visão mais ampla e profunda das escolhas financeiras, permitindo uma compreensão integrada que vai além da racionalidade econômica. Portanto, explorar os arquétipos financeiros e suas interações é essencial para promover uma relação saudável e equilibrada com o dinheiro, alinhada com valores e objetivos individuais.

2.5 Psicologia Analítica e Finanças Comportamentais: A conexão entre Arquétipos, Vieses e Decisões

A relação entre a Psicologia Analítica, desenvolvida por Carl Gustav Jung, e as Finanças Comportamentais, desenvolvidas por autores como Daniel Kahneman, Richard Thaler, Herbert Simon, Robert Shiller e Cass Sunstein, proporciona uma compreensão mais profunda de como padrões inconscientes e vieses cognitivos moldam o comportamento humano relacionado ao dinheiro. A integração desses conceitos permite explorar padrões inconscientes, fatores internos, como arquétipos, e externos, como influências ambientais, impactam as decisões financeiras, promovem a autonomia e o desenvolvimento.

As finanças comportamentais são um campo interdisciplinar que combina economia, psicologia e neurociência para compreender como fatores cognitivos, emocionais e sociais que influenciam a tomada de decisões financeiras. Diferentemente da teoria econômica clássica, que pressupõe a racionalidade

dos agentes, as finanças comportamentais evidenciam que as decisões financeiras muitas vezes são moldadas por fatores psicológicos como visões, heurísticas e vieses, desviando os indivíduos de um comportamento ideal ou racional (KAHNEMAN, 2010). Esse paradigma é complementado pelo conceito de racionalidade limitada de Herbert Simon, as limitações cognitivas e temporais dos indivíduos para tomarem decisões ideais, frequentemente optando por soluções satisfatórias em vez de perfeitas (BARROS, 2016).

Sob a perspectiva da psicologia analítica, os arquétipos, como padrões universais que emergem do inconsciente coletivo, desempenham um papel essencial na compreensão das emoções e atitudes relacionadas ao dinheiro. Eles influenciam profundamente a forma como as pessoas atribuem valor simbólico ao dinheiro, estabelecem metas financeiras e lidam com desafios econômicos, revelando dimensões profundas e inconscientes da relação com as finanças (JUNG, 2014).

O Sábio simboliza conhecimento e racionalidade, incentivando decisões baseadas em planejamento e análise cuidadosa. Entretanto, um Sábio desequilibrado pode intensificar a aversão à perda, descrita por Kahneman e Tversky (1979), como a tendência de dar mais peso às perdas do que aos ganhos. Como apontam Araújo e Silva (2007), esse fenômeno pode ser observado em investidores que mantêm ativos em queda, resistindo à venda por receio de concretizar a perda. Eles acreditam que esperar pelo momento ideal evitará o prejuízo, mas muitas vezes acabam acumulando perdas ainda maiores. O Sábio equilibrado, por outro lado, usaria ferramentas como metas predefinidas de entrada e saída para tomar decisões baseadas em lógica e planejamento.

O Explorador, por sua vez, reflete a busca por liberdade e inovação, estando associado ao *Puer Aeternus*. Este arquétipo pode trazer criatividade e ousadia, mas muitas vezes resulta no desconto hiperbólico, priorizando recompensas imediatas em detrimento de objetivos de longo prazo. Como discutem Porto et al. (2024), esse fenômeno influencia decisões financeiras ao fazer com que indivíduos deem maior valor a ganhos presentes do que a benefícios futuros, o que pode levar a escolhas impulsivas. Por exemplo, uma pessoa pode gastar seu salário em viagens ou experiências imediatas, negligenciando a necessidade de economia para emergências ou para a aposentadoria. Esse comportamento reflete a dificuldade de equilibrar o prazer imediato com a segurança futura, algo

que o Explorador pode desenvolver ao integrar de forma mais equilibrada o Sábio.

Já o Provedor, que simboliza responsabilidade e cuidado, está alinhado à proteção e ao bem-estar coletivo. Este arquétipo promove decisões financeiras altruístas, muitas vezes priorizando as necessidades dos outros em detrimento das próprias. Um exemplo é o pai que insiste em poupar para a educação dos filhos, mesmo que isso signifique sacrificar sua própria aposentadoria. No entanto, em situações de desequilíbrio, o Provedor pode apresentar o viés de confirmação, priorizando informações que sustentam suas convicções e ignorando evidências que apontem para alternativas mais equilibradas. Como discutem Costa et al. (2020), esse viés influencia a tomada de decisões financeiras ao levar indivíduos a buscar e interpretar informações que reforcem suas crenças prévias, dificultando a adaptação a novas circunstâncias. Esse comportamento reflete a tendência de simplificar a complexidade das escolhas financeiras por meio de heurísticas, o que pode comprometer o equilíbrio entre o altruísmo e a segurança pessoal.

Segundo Shiller (2020), as narrativas econômicas compartilhadas, como a ideia de que os pais devem sacrificar-se pelos filhos, podem reforçar esse viés, dificultando a avaliação racional de prioridades financeiras. Nesse caso, o Provedor poderia se beneficiar de um planejamento financeiro estruturado, que leve em conta as necessidades familiares e pessoais, reduzindo os impactos de vieses inconscientes. Ferreira (2011) destaca que a educação financeira e intervenções comportamentais, como simulações de cenários futuros, podem ajudar a alinhar metas familiares e individuais, promovendo decisões mais sustentáveis.

Por fim, a Sombra do Aparento representa o medo inconsciente de deficiência, levando ao apego excessivo ao dinheiro e à ilusão de controle, em que o indivíduo superestima sua capacidade de influenciar resultados financeiros. Como apontam Costa e Paula (2014), esse fenômeno pode ser observado em investidores que acreditam ter mais controle sobre seus retornos financeiros do que realmente possuem, o que pode levá-los a decisões excessivamente conservadoras ou arriscadas. Um exemplo típico é o profissional que acumula economias de forma desproporcional, recusando-se a investir por medo de perder o controle, mesmo que isso limite seu crescimento

financeiro. A Sombra, quando integrada ao processo de individuação, pode equilibrar a busca pela segurança com a necessidade de correr riscos calculados, permitindo ao indivíduo reconhecer seus medos inconscientes e desenvolver uma relação mais saudável com o dinheiro (Jung, 2012).

De acordo com Shiller (2020), as narrativas econômicas, ou histórias coletivas, desempenham um papel crucial na forma como os indivíduos tomam decisões financeiras, moldando percepções de valor e risco. Ele destaca que as emoções e expectativas compartilhadas influenciam não apenas os mercados, mas também decisões individuais, como comprar ou vender ativos. Essa abordagem dialoga com a ideia de que arquétipos, como o Provedor e o Sábio, podem ser ativados ou suprimidos em resposta a essas narrativas.

De acordo com Ferreira (2011), a Psicologia Econômica complementa as análises ao investigar como emoções, percepções de valor e o comportamento humano são influenciados em diferentes contextos econômicos. Ferreira destaca que as decisões financeiras, muitas vezes, são tomadas sob influência de emoções e percepções subjetivas, desafiando o pressuposto de racionalidade da economia clássica. Assim, a introdução de instruções simples, como mecanismos automáticos de poupança ou previsão de metas de longo prazo, pode ajudar os indivíduos a superarem vitórias e alcançarem maior equilíbrio em suas decisões financeiras.

Essas intervenções, conhecidas como *nudges*, descritas por Thaler e Sunstein (2021), são estratégias projetadas para facilitar escolhas alinhadas aos interesses de longo prazo das pessoas, sem restringir sua liberdade de decisão. Como discutido por Pita (2023), os *nudges* podem ser utilizados para estruturar um ambiente que favoreça decisões financeiras mais racionais, reduzindo vieses comportamentais que prejudicam o planejamento financeiro. Por exemplo, a automatização da poupança e a inscrição automática em planos de previdência exigem um esforço deliberado para evitar decisões impulsivas e favorecem a integração do arquétipo do Sábio, auxiliando na minimização das influências emocionais e impulsivas do Explorador. Além disso, ferramentas de simulação financeira, que permitem visualizar cenários futuros e calcular impactos de decisões, reforçam a presença do Sábio e ajudam a superar vieses como a ilusão de controle, muitas vezes associada à Sombra, que pode levar a medos irracionais ou a um desejo excessivo de evitar riscos.

Iniciativas que promovem a colaboração financeira, como investimentos comunitários ou educação financeira em grupo, também dialogam diretamente com o arquétipo do Provedor, que simboliza a responsabilidade e o cuidado com o coletivo (JUNG, 2012). Essas práticas incentivam o equilíbrio entre interesses individuais e coletivos, promovendo escolhas que beneficiam o bem-estar geral. Além disso, os nudges, como propostos por Thaler e Sunstein (2021), tornam-se ferramentas práticas para estruturar o ambiente de decisão de maneira a incentivar escolhas financeiras mais conscientes e alinhadas tanto ao autointeresse quanto à coletividade.

Kahneman (2010) descreveu dois sistemas de pensamento que moldam o comportamento humano e influenciam decisões financeiras: o Sistema 1, rápido, intuitivo e emocional, e o Sistema 2, lento, deliberativo e lógico. O Sistema 1 está frequentemente associado a visões cognitivas, como a aversão à perda, o excesso de confiança e a ilusão de controle, que prejudicam decisões financeiras racionais. Em contrapartida, o Sistema 2 permite escolhas mais conscientes e alinhadas aos objetivos de longo prazo. No entanto, o funcionamento predominante do Sistema 1, especialmente em situações de alta pressão ou incerteza, leva muitas vezes a decisões impulsivas e inconsistentes.

Essas dinâmicas também podem ser compreendidas à luz da psicologia analítica, que explora os fatores inconscientes que moldam o comportamento (JUNG, 2014). No contexto financeiro, é possível encontrar influência dos arquétipos como o Sábio, o Explorador, o Provedor e a Sombra que estão constantemente em jogo. O Sábio, por exemplo, reflete a capacidade de análise lógica e planejamento racional, associada ao Sistema 2. Por outro lado, o Explorador e a Sombra se manifestam mais frequentemente por meio do Sistema 1, contribuindo para comportamentos impulsivos e, muitas vezes, autossabotadores. Já o Provedor reflete valores altruístas e a preocupação com o bem-estar coletivo, equilibrando interesses individuais e familiares.

Na psicologia analítica, o processo de individuação, que envolve integrar diferentes arquétipos, é central para o desenvolvimento do *Self* (JUNG, 2013). Esse processo permite que o indivíduo reconheça e gerencie as influências inconscientes que moldam suas decisões financeiras, alcançando um equilíbrio entre impulsividade e prudência. A comunicação interna, ou o diálogo entre arquétipos como o Sábio, o Explorador, o Provedor e a Sombra, são essenciais

para compreender as próprias motivações e selecionar escolhas financeiras a objetivos mais profundos. Essa integração interna se reflete na comunicação externa, permitindo que o indivíduo expresse suas metas de maneira assertiva, promovendo maior autonomia e uma relação mais saudável com o dinheiro (FERREIRA, 2011).

Ao integrar a psicologia analítica e as finanças comportamentais, é possível transformar o dinheiro em uma ferramenta de realização pessoal e expressão do *Self*. Essa abordagem não apenas melhora a relação com o dinheiro, mas também contribui para o desenvolvimento de uma autonomia que é tanto financeira, quanto psicológica, promovendo equilíbrio e liberdade.

2.6 Perspectivas de Gênero na Relação com o Dinheiro

A relação entre gênero e dinheiro revela diferenças significativas nas atitudes, crenças e comportamentos financeiros, influenciadas por fatores culturais, sociais e psicológicos. De acordo com Meirelles (2012), homens e mulheres tendem a apresentar padrões distintos no que se refere ao uso e à percepção do dinheiro. Enquanto os homens, em geral, associam o dinheiro ao poder, à competição e ao status, as mulheres frequentemente o veem como uma fonte de segurança, estabilidade e cuidado com os outros. Esses padrões refletem projeções inconscientes, moldadas por estereótipos culturais e expectativas de gênero, que condicionam comportamentos financeiros.

Essas diferenças estão profundamente conectadas aos arquétipos descritos por Jung. A projeção masculina sobre o dinheiro pode estar relacionada ao arquétipo do Herói ou do Rei, simbolizando conquistas e domínio, enquanto a perspectiva feminina frequentemente evoca a Mãe ou a Grande Provedora, com ênfase no cuidado e proteção. Essas projeções não apenas influenciam os comportamentos financeiros, mas também afetam o processo de individuação.

No contexto da individuação, as diferenças de gênero no uso do dinheiro podem reforçar ou limitar a capacidade do indivíduo de integrar aspectos conscientes e inconscientes de sua psique. Conforme Meirelles (2012), crenças rígidas sobre dinheiro podem gerar conflitos internos, como mulheres que sentem culpa ao gastar consigo mesmas ou homens que priorizam ganhos

financeiros em detrimento de necessidades emocionais. Esses padrões podem perpetuar conflitos internos e dificultar o avanço no processo de individuação.

Além disso, a análise dessas projeções de gênero evidencia como as dinâmicas culturais moldam a relação com o dinheiro. Mulheres, por exemplo, frequentemente enfrentam barreiras para alcançar autonomia financeira devido a desigualdades estruturais e a crenças limitantes sobre sua capacidade de gestão financeira. Por outro lado, homens podem se sentir pressionados a alcançar padrões irrealistas de sucesso econômico, resultando em ansiedade e comportamentos obsessivos relacionados ao trabalho. Essa desigualdade estrutural não apenas restringe a mobilidade econômica das mulheres, mas também perpetua ciclos de dependência financeira e exclusão psicológica.

Para promover um equilíbrio saudável na relação com o dinheiro, é fundamental ressignificar esses estereótipos culturais e arquétipos projetados. Intervenções terapêuticas e programas de educação financeira desempenham um papel crucial nesse processo, ao ajudar homens e mulheres a reconhecerem e integrar os aspectos inconscientes de suas crenças financeiras. Isso facilita o desenvolvimento da autonomia e contribui para a ressignificação simbólica do dinheiro como meio de expressão e realização pessoal, ao invés de um fator limitador.

2.7 Influência do Dinheiro no Desenvolvimento Psicológico e a Individuação

O dinheiro ocupa uma posição central na sociedade, influenciando não apenas estruturas econômicas, mas também o desenvolvimento psicológico e a jornada de individuação de cada indivíduo. Essa relação transcende sua funcionalidade prática, pois o dinheiro carrega significados simbólicos e emocionais que moldam comportamentos, aspirações e identidade pessoal.

Lockhart (2001) destaca que o dinheiro, ao ser compreendido como um símbolo arquetípico, pode conectar as esferas material e espiritual. Ele sugere que uma relação saudável com o dinheiro promove o equilíbrio entre valores internos e objetivos externos, permitindo que o dinheiro seja visto como um meio para alcançar propósitos significativos, em vez de ser tratado como um fim

absoluto. Essa visão ressignifica o dinheiro, promovendo escolhas que alinham aspectos emocionais e materiais, reforçando o desenvolvimento do *Self*.

Jung (2012), em “*O Eu e o Inconsciente*”, destaca que o vazio existencial frequentemente observado na modernidade está relacionado à identificação excessiva com papéis sociais e à busca incessante por status e riqueza, muitas vezes tratados como símbolos de realização pessoal. No entanto, essa busca pode afastar os indivíduos do autoconhecimento e da integração psicológica, tornando o dinheiro um elemento de alienação, em vez de um meio para a individuação. Como Jung (2014) discute em “*Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*”, os símbolos possuem um papel central na psique humana, refletindo tanto os desejos conscientes quanto os conflitos internos. Dessa forma, o dinheiro pode ser visto não apenas como um recurso material, mas também como uma manifestação simbólica dos dilemas psicológicos individuais e coletivos.

O dinheiro, como símbolo, carrega projeções inconscientes que podem revelar complexos psicológicos importantes. Entre eles, destacam-se o medo da escassez e a obsessão por acumulação, que frequentemente refletem conflitos internos relacionados à segurança e à autovalorização. Como discutem Giló e Bonfatti (2022), essas projeções podem ser tanto limitantes quanto transformadoras, dependendo de como são integradas ao processo de individuação. Por exemplo, perdas financeiras podem desencadear sentimentos de fracasso e insegurança, enquanto conquistas financeiras podem gerar euforia ou reforçar padrões compulsivos. Trabalhar esses conflitos conscientemente pode levar ao crescimento psicológico, permitindo que o indivíduo desenvolva uma relação mais equilibrada com o dinheiro.

Capriles (2009) argumenta que o dinheiro frequentemente opera como um regulador simbólico de valor pessoal, tornando-se uma extensão de desejos e medos inconscientes. A incapacidade de reconhecer essas dinâmicas pode levar ao consumismo compulsivo ou à aversão ao dinheiro. Por outro lado, a integração dessas projeções permite que o dinheiro seja ressignificado como uma ferramenta para autoconhecimento e alinhamento com valores internos.

Araújo (2020) aborda como a transição para a vida adulta é marcada por desafios relacionados à autonomia financeira. Nesse contexto, o dinheiro atua como um mediador entre dependência familiar e independência pessoal,

permitindo a construção de uma identidade própria e maior controle sobre decisões. A autora também destaca o papel da educação financeira em equilibrar as demandas de independência econômica e valores pessoais, promovendo maior estabilidade emocional e resiliência.

Os significados atribuídos ao dinheiro, segundo Meirelles (2022), como símbolo de poder, status e prestígio, influenciam a forma como ele é utilizado e as expectativas sociais em torno dele. Esse cenário gera uma pressão para que os indivíduos alcancem um desempenho financeiro que os legitime perante a família e a sociedade, enquanto a falta desse sucesso pode resultar em desvalorização e exclusão. Mesmo em contextos em que a participação feminina no mercado de trabalho é significativa, a concepção histórica que atribui aos homens a responsabilidade de prover o sustento permanece predominante. A incapacidade de cumprir esse papel pode levar à perda de reconhecimento social e afetar negativamente diferentes aspectos da vida pessoal e familiar. Jimenez e Lefèvre (2004, apud Meirelles, 2024, p. 115) conduziram um estudo com homens desempregados e identificaram que, nesse cenário, o consumo de álcool e drogas, assim como a violência, muitas vezes surge como uma forma de reafirmação da identidade masculina e de recuperação de um lugar socialmente reconhecido como pertencente aos homens.

Essa relação entre dinheiro e identidade masculina reforça os estereótipos de gênero que moldam as atitudes financeiras, como destaca Meirelles (2022). Homens frequentemente associam o dinheiro ao poder e conquista, enquanto mulheres o enxergam como um meio de proteção e sustento. Essas diferenças refletem arquétipos inconscientes que influenciam não apenas a relação simbólica com o dinheiro, mas também a autonomia e o processo de individuação. Quando ressignificado conscientemente, o dinheiro pode integrar complexos psicológicos e alinhar ações aos valores internos, permitindo uma relação mais equilibrada com os recursos financeiros.

Nesse sentido, Lockhart (2001) exemplifica como, ao invés de reforçar padrões alienantes, o dinheiro pode ser utilizado conscientemente como uma ferramenta de transformação pessoal. Casos práticos demonstram que direcionar recursos financeiros para apoiar causas significativas ou realizar projetos que promovam bem-estar resgata o potencial do dinheiro como um meio de realização, afastando-o de seu papel alienante.

Uma análise histórica do dinheiro revela como ele molda as ideologias e a percepção de valor nas sociedades. Segundo Santana (2019), a entrada na vida adulta está diretamente relacionada à capacidade de autonomia financeira, considerada um marco no agenciamento de si mesmo. Nesse contexto, o dinheiro não apenas garante a sobrevivência, mas também simboliza conquistas, responsabilidades e independência. Para Giló e Bonfatti (2022), o dinheiro pode carregar projeções inconscientes, refletindo tanto as aspirações materiais quanto os conflitos internos com valores subjetivos. Essa tensão evidencia a dificuldade em equilibrar as demandas do mundo externo com as necessidades internas, um desafio essencial no desenvolvimento psicológico e na construção da identidade individual.

Thomas Piketty (2020), em *“Capital e Ideologia”*, destaca que as narrativas criadas para fundamentar a desigualdade econômica afetam diretamente a percepção de identidade e autonomia dos indivíduos. Nas sociedades onde o capital está concentrado, o dinheiro se torna um símbolo de poder e status, influenciando como os indivíduos enxergam e se posicionam socialmente. Complementando essa visão, Niall Ferguson (2009), em *“A Ascensão do Dinheiro: A História Financeira do Mundo”*, demonstra como os eventos econômicos não moldam apenas estruturas de poder, mas também comportamentos humanos. Crises como a de 2008, por exemplo, onde pessoas passaram por vulnerabilidades psicológicas importantes, perderam empregos e moradias, enfrentaram crises existenciais, marcadas por sentimentos de fracasso e insegurança. Esses episódios mostram como a ausência ou perda de dinheiro podem desestabilizar os pilares fundamentais da identidade e autonomia na vida adulta (FERGUSON, 2009).

Estudos indicam que a privação financeira pode intensificar sentimentos de medo e insegurança, expondo a fragilidade emocional e a dependência do dinheiro como regulador simbólico do valor pessoal. De forma semelhante, crises econômicas têm sido associadas ao aumento de transtornos de ansiedade e depressão, afetando o bem-estar psicológico e a identidade de milhões de pessoas. Segundo Gomes (2022), o desemprego pode levar ao aumento do estresse psicossocial, diminuição da autoestima e perda de identidade, contribuindo para o surgimento de transtornos mentais e comportamentais. Além disso, dados do Conselho Federal de Enfermagem (2022) apontam que quadros

de ansiedade e depressão cresceram significativamente após a pandemia de COVID-19, evidenciando a relação entre crises econômicas e o agravamento da saúde mental.

O arquétipo do Herói, associado à conquista e ao sucesso, é frequentemente projetado na busca por ascensão financeira. Jung (2012) ressalta que, quando não equilibrado, esse arquétipo pode levar a comportamentos obsessivos e à desconexão com valores internos, dificultando o progresso no processo de individuação. Essa perspectiva também ilumina como o dinheiro pode ser usado como ferramenta de autodescoberta ou tornar-se um obstáculo para o crescimento pessoal, dependendo de como é integrado à psique.

Para sobreviver em uma sociedade capitalista, compreender e atender às necessidades básicas não é apenas uma questão de subsistência, mas também de integração no sistema e manutenção da identidade. Quando o acesso a essas necessidades é retirado, mexemos com os pilares fundamentais da personalidade, provocando rupturas nos pilares fundamentais da personalidade, desestruturando temporariamente o indivíduo. Na visão da psicologia analítica, essas necessidades básicas não são apenas físicas, mas também simbólicas, pois conectam o indivíduo ao coletivo e ao *Self*. A privação prolongada dessas necessidades pode fragmentar o senso de valor e pertencimento, gerando crises de identidade e minando a autonomia (JUNG, 2014). De maneira semelhante, Silva et al. (2017), ao analisarem a motivação humana com base nos princípios da Hierarquia de Necessidades de Maslow, destacam que a ausência de elementos fundamentais, como alimentação, abrigo e segurança, dificulta a progressão para níveis mais elevados de realização pessoal, impactando diretamente o desenvolvimento integral da personalidade. Piketty (2020) complementa que a desigualdade estrutural restringe o acesso ao básico, perpetuando não apenas a pobreza material, mas também a exclusão social e psicológica, limitando a adaptação e desumanizando os indivíduos.

Do ponto de vista da psicologia analítica, o dinheiro transcende sua função material para atuar como um símbolo carregado de significados inconscientes. O dinheiro reflete complexidades psicológicas e valores internos, tornando-se um meio de expressão do *Self*. Lockhart (2001) destaca que o dinheiro, quando integrado ao processo de individuação, funciona como uma ponte entre os

valores espirituais e materiais, promovendo equilíbrio entre as necessidades externas e os desejos internos.

Klontz e Klontz (2009) exploram como o dinheiro, frequentemente ligado a questões familiares e inconscientes, influencia a psique. Segundo os autores, padrões autossabotadores de comportamento financeiro, como compulsões e medos excessivos, refletem aspectos não resolvidos da psique, que podem ser trabalhados terapeuticamente para promover uma transformação psicológica que transcenda o aspecto econômico. Giló e Bonfatti (2022) investigam os fatores psicológicos associados ao dinheiro sob a ótica da Psicologia Analítica, destacando a presença de complexos relacionados ao dinheiro que podem ser projetados no cotidiano financeiro dos indivíduos. Castellet y Ballarà (2012), por sua vez, discute como o dinheiro está vinculado a aspectos emocionais profundos da psique, refletindo dinâmicas de dependência, poder e vulnerabilidade nas relações interpessoais. Complementarmente, Jung (2012) argumenta que conflitos financeiros frequentemente trazem à tona conteúdos inconscientes, podendo ser utilizados como oportunidades para autoconhecimento e crescimento.

No processo de individuação, uma relação saudável com o dinheiro é essencial para alcançar autonomia psicológica. Jung (2013) sugere que os complexos inconscientes projetados no dinheiro podem impactar significativamente a psique, influenciando comportamentos financeiros e decisões materiais. Klontz e Klontz (2009) argumentam que padrões autossabotadores relacionados ao dinheiro, como compulsão e aversão financeira, refletem aspectos emocionais não resolvidos, podendo ser trabalhados terapeuticamente para promover uma transformação psicológica. Giló e Bonfatti (2022) destacam que, quando integrado de forma consciente, o dinheiro pode se tornar uma ferramenta poderosa para fortalecer a identidade e alinhar as ações aos valores internos. Durante crises econômicas, como a Grande Depressão e a crise de 2008, a fragilidade emocional de milhões de pessoas revelou como a ausência de dinheiro pode desestabilizar não apenas as condições materiais, mas também as estruturas psicológicas fundamentais (FERGUSON, 2009). Castellet y Ballarà (2012) aponta que crises financeiras funcionam como catalisadores para a reflexão, obrigando os indivíduos a confrontar sua dependência emocional e simbólica do dinheiro e promovendo

uma maior conscientização de seus valores e prioridades. Essas situações extremas oferecem uma oportunidade para ressignificar valores e priorizar o alinhamento entre aspirações e identidade pessoal.

A psicologia analítica propõe caminhos para transformar a relação com o dinheiro, integrando sua influência no processo de individuação. Como símbolo psicológico, o dinheiro pode ser uma força criativa e libertadora, contribuindo para a construção de uma identidade plena e alinhada aos valores internos.

2.8 Liberdade Financeira e o Impacto na Psique

A liberdade financeira é frequentemente associada à capacidade de viver uma vida compatível com valores próprios, sem as limitações impostas por preocupações financeiras. Mais do que um estado material, ela representa uma construção subjetiva, profundamente conectada ao bem-estar psíquico e emocional do indivíduo.

Grant Sabatier (2020) descreve a liberdade financeira como um processo estruturado e profundamente pessoal, em que cada indivíduo define sua relação com o dinheiro para alcançar segurança e satisfação. Essa abordagem enfatiza que liberdade financeira não é apenas o acúmulo de riqueza, mas sim a habilidade de fazer escolhas conscientes que ampliem possibilidades e promovam bem-estar.

Krishnamurti (2006) explora a liberdade sob um prisma mais amplo, sugerindo que ela transcende os condicionamentos sociais e culturais. Aplicado ao contexto financeiro, isso significa que a liberdade financeira vai além do acúmulo material, simbolizando uma relação autêntica e consciente com o dinheiro. Essa perspectiva posiciona a liberdade financeira como um meio para o autodomínio e a expressão de autonomia.

No campo da psicologia econômica, Kahneman e Deaton (2010) demonstram que o aumento da renda melhora a avaliação geral da vida de uma pessoa, proporcionando maior segurança financeira e acesso a melhores condições de vida. No entanto, os autores apontam que, a partir de um determinado nível de renda (aproximadamente US\$ 75.000 anuais), ganhos adicionais não aumentam significativamente o bem-estar emocional diário. Isso sugere que, embora o dinheiro possa aliviar o estresse financeiro e contribuir

para a qualidade de vida, ele tem um impacto limitado na felicidade a longo prazo. Essa visão reforça a necessidade de uma abordagem equilibrada, em que o dinheiro seja tratado como um meio e não um fim.

Dominguez e Robin (2013) argumentam que a liberdade financeira está profundamente ligada à capacidade de alinhar gastos aos valores pessoais. Para os autores, o bem-estar não deriva apenas de altos níveis de renda, mas de um equilíbrio entre trabalho, consumo e propósito. Essa abordagem redefine a liberdade financeira como um fator de empoderamento, que reduz a ansiedade e aumenta a percepção de controle sobre a vida.

Daniel Pink (2011) identifica a autonomia como um dos pilares da motivação intrínseca. Ele ressalta que a liberdade financeira potencializa essa autonomia, permitindo que os indivíduos busquem atividades alinhadas aos seus interesses e propósito de vida. Essa conexão direta entre autonomia financeira e realização pessoal destaca o impacto da liberdade financeira na saúde psicológica e emocional.

Hammond (2016) complementa ao destacar que uma relação equilibrada com as finanças reduz a ansiedade e promove o bem-estar psicológico. Segundo ele, a percepção de liberdade financeira está diretamente ligada à confiança e resiliência diante de desafios, fatores que contribuem para um estado emocional mais equilibrado.

Portanto, a liberdade financeira vai além da ausência de dívidas ou da capacidade de consumir; ela reflete um alinhamento entre valores pessoais, escolhas conscientes e a expressão plena da autonomia. Nesse contexto, o dinheiro se torna uma ferramenta de realização e bem-estar, promovendo uma vida mais equilibrada e conectada aos objetivos internos de cada indivíduo.

2.9 A Importância da Educação Financeira para a Autonomia e Compreensão do Valor Simbólico do Dinheiro

A educação, em suas diversas formas, é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento humano. Além de fornecer conhecimentos técnicos e habilidades práticas, ela desempenha um papel essencial na formação da autonomia, da reflexão crítica e na construção de valores que orientam as decisões ao longo da vida (FREIRE, 2018). No contexto financeiro, a educação

não apenas capacita indivíduos a lidar com desafios econômicos, mas também a compreender os significados simbólicos e emocionais que o dinheiro assume.

Capriles (2009) argumenta que, ao abordar a relação simbólica com o dinheiro, a educação pode ajudar os indivíduos a ressignificar medos inconscientes e padrões limitantes, promovendo maior integração entre valores internos e escolhas financeiras. Esse processo transcende o aprendizado técnico, permitindo uma abordagem mais completa e transformadora.

Assim como a educação geral estabelece bases para o crescimento intelectual e social, a educação financeira é fundamental para o desenvolvimento da autonomia financeira. Ela permite que os indivíduos interpretem o dinheiro como um recurso que reflete seus valores e escolhas, em vez de apenas um meio de troca ou acúmulo material. Essa perspectiva promove uma relação mais equilibrada e saudável com as finanças.

Lockhart (2001) destaca que a educação financeira, ao integrar dimensões emocionais e arquetípicas do dinheiro, promove uma relação mais consciente com os recursos financeiros. Essa abordagem auxilia na construção de uma visão mais ampla e reflexiva sobre o papel do dinheiro na vida das pessoas, alinhando-o aos objetivos de longo prazo e ao bem-estar emocional.

Hammond (2016) e Housel (2020) enfatizam que emoções desempenham um papel central nas decisões financeiras. Eles argumentam que a educação financeira deve combinar conhecimento técnico com reflexões sobre os aspectos emocionais, para que se torne um instrumento eficaz na promoção da autonomia e do bem-estar financeiro. Essa integração permite que os indivíduos compreendam o verdadeiro valor do dinheiro, indo além de sua função prática, e o utilizem como ferramenta para alcançar realizações pessoais e equilíbrio emocional.

Capriles (2009) também destaca que a falta de alinhamento entre os aspectos simbólicos e práticos do dinheiro pode levar a comportamentos disfuncionais, como compulsão por consumo ou aversão ao gasto. Nesse sentido, a educação financeira desempenha um papel crucial ao ajudar as pessoas a encontrarem um equilíbrio, transformando o dinheiro em uma ferramenta de autoconhecimento e realização.

Robin e Dominguez (2013), adotam uma abordagem ressaltando que o dinheiro deve ser encarado como um meio para alcançar uma vida significativa.

Eles defendem que, ao valorizar o dinheiro em termos de tempo de vida e objetivos pessoais, é possível promover maior independência financeira e autenticidade nas escolhas. Essa perspectiva está alinhada ao conceito de individuação da psicologia analítica, que busca integrar aspectos conscientes e inconscientes para uma vida mais equilibrada.

O simbolismo do dinheiro também é abordado por Covey (2008) em que explora como o dinheiro reflete escolhas e valores pessoais. Segundo ele, identificar essas simbologias permite uma relação mais saudável com o dinheiro, essencial para a autonomia e o bem-estar financeiro. Essa visão é corroborada por Peifer (2017), que sugere que a educação financeira pode ser um catalisador no processo de individuação, ajudando os indivíduos a confrontarem conflitos inconscientes relacionados ao dinheiro e a transformá-los em oportunidades de crescimento psicológico.

A educação financeira deve integrar aspectos técnicos e emocionais para alcançar um impacto significativo. Ao compreender o simbolismo e as emoções ligadas ao dinheiro, os indivíduos podem desenvolver uma mentalidade financeira equilibrada, promovendo autonomia e evitando armadilhas comportamentais. Amaral e Oliveira (2025) destacam que a educação financeira influencia diretamente o comportamento do consumidor, especialmente nos aspectos emocionais que permeiam as decisões financeiras. Lockhart (2001) complementa que esse processo também contribui para a criação de uma relação simbólica mais madura com o dinheiro, transformando-o em um recurso para a integração do *Self* e o fortalecimento da identidade. A educação financeira, nesse contexto ampliado, transforma-se em um meio para o desenvolvimento pessoal, a construção de liberdade financeira e a melhoria da qualidade de vida (SANTOS; FRANÇA; BATISTA, 2024).

2.10 Programas de Educação Financeira e a Psicologia Analítica

A integração de programas de educação financeira com os princípios da psicologia analítica oferece uma abordagem que vai além da gestão técnica das finanças, promovendo uma relação mais consciente, equilibrada e autêntica com o dinheiro. Desenvolvida por Carl Gustav Jung, a psicologia analítica valoriza o simbolismo e os aspectos inconscientes das experiências humanas, incluindo a

relação com o dinheiro. Essa perspectiva permite acessar e transformar padrões emocionais e comportamentais que moldam as decisões financeiras.

No contexto brasileiro, onde o consumo frequentemente reflete elementos de identidade, status e pertencimento, os insights da psicologia analítica são particularmente relevantes. Englert e Milanez (2024) destacam como os brasileiros atribuem ao consumo significados que vão além do funcional, conectando-se a aspectos culturais e emocionais. Tais padrões evidenciam a necessidade de uma abordagem que incorpore significados simbólicos e psicológicos nos programas de educação financeira, reconhecendo o dinheiro como um arquétipo que reflete aspirações, valores e conflitos inconscientes.

Mayorga (2024), em sua dissertação, reforça essa perspectiva ao investigar como programas de treinamento financeiro podem mitigar vieses cognitivos, como ancoragem e aversão à perda, promovendo escolhas financeiras mais racionais. O estudo aponta que a capacitação não apenas reduz a influência desses vieses, mas também permite que os profissionais e clientes desenvolvam uma compreensão mais ampla e integrada do papel do dinheiro em suas vidas.

A terapia financeira, como descrita por Klontz et al. (2011), integra psicologia e finanças, abordando traumas, crenças limitantes e padrões disfuncionais que moldam a relação com o dinheiro. Essa abordagem se alinha à psicologia analítica ao enfatizar a importância de compreender e transformar as complexidades financeiras para promover mudanças profundas e duradouras. No Brasil, onde as desigualdades sociais e as pressões culturais intensificam os conflitos financeiros, a aplicação de tais práticas pode proporcionar um impacto significativo na autonomia e no bem-estar psicológico das pessoas.

Além disso, o conceito de individuação, na psicologia analítica, é o processo de integração entre o consciente e o inconsciente, permitindo que os indivíduos vivam de forma mais alinhada com seus valores e propósitos. Programas de educação financeira que incorporam práticas reflexivas, como *mindfulness* e análise de narrativas financeiras pessoais, podem desempenhar um papel essencial no autoconhecimento e na resignificação de crenças financeiras.

Por exemplo, a prática de *mindfulness* (WALDMAN; DECHANT, 2010) pode ser aplicada em workshops financeiros para ajudar os indivíduos a identificarem reações automáticas relacionadas ao consumo, como impulsos para comprar em momentos de estresse ou ansiedade. Durante essas práticas, os participantes

são incentivados a refletir sobre o que realmente precisam e a distinguir entre desejos impulsivos e necessidades genuínas, promovendo maior clareza e controle emocional na tomada de decisões financeiras.

A análise de narrativas financeiras pessoais (PEZZOTTI; RODRIGUES, 2019) também é uma ferramenta poderosa nesse contexto. Ao revisar experiências financeiras marcantes, como vivências de escassez ou abundância na infância, os indivíduos podem identificar crenças internalizadas que afetam seus comportamentos financeiros. Por exemplo, alguém que cresceu em um ambiente de carência pode ter internalizado a crença de que o dinheiro é difícil de obter, o que pode gerar padrões de escassez, como evitar investimentos ou manter gastos excessivamente controlados. Ao compreender essas narrativas, é possível ressignificar comportamentos e alinhar escolhas financeiras aos objetivos pessoais.

Vicki Robin (2008) reforça essa perspectiva ao enfatizar a necessidade de alinhar decisões financeiras aos valores e objetivos pessoais. Essa conexão entre o dinheiro e o *Self*, proposta tanto por Robin quanto pelos princípios da psicologia analítica, permite que o dinheiro seja compreendido não apenas como um recurso prático, mas também como um símbolo que reflete os anseios mais profundos do indivíduo.

Além disso, a psicologia analítica contribui para a criação de programas educacionais financeiros culturalmente sensíveis, considerando as particularidades regionais e sociais. Englert e Milanez (2024) ressaltam que o comportamento de consumo no Brasil é moldado por uma forte valorização das relações sociais e pela busca de pertencimento. Esses fatores destacam a necessidade de programas que integrem elementos simbólicos e emocionais, indo além do ensino técnico para abordar os significados culturais do dinheiro. Em suma, a psicologia analítica oferece fundamentos essenciais para uma educação financeira mais abrangente e eficaz. Ao integrar conceitos como arquétipos, individuação e complexos, esses programas promovem não apenas habilidades práticas, mas também um processo de autoconhecimento e transformação. Essa abordagem permite que os indivíduos desenvolvam uma relação mais saudável com o dinheiro, alinhando escolhas financeiras a valores pessoais e conectando a dimensão material à simbólica em busca de autonomia e bem-estar psicológico (Robin, 2008; Englert & Milanez, 2024).

3. MÉTODO

A metodologia deste trabalho adota uma abordagem qualitativa, com o objetivo de explorar a relação entre o dinheiro como meio de expressão e autonomia pessoal, sob a perspectiva da psicologia analítica. Para isso, foi realizada uma revisão de literatura que envolve a análise de diversas fontes, incluindo livros e artigos acadêmicos sobre finanças comportamentais, educação financeira e psicologia analítica, com foco especial nos conceitos de valor simbólico do dinheiro e autonomia financeira.

As obras selecionadas para a revisão foram escolhidas com base em sua relevância para os temas centrais da pesquisa, levando em consideração a profundidade com que tratam questões como o simbolismo do dinheiro, a autonomia individual e a influência emocional do dinheiro no desenvolvimento psicológico. Além de autores renomados no campo da psicologia analítica, como Carl Jung, o estudo considera as contribuições de importantes sociólogos e filósofos cujas teorias abordam as relações sociais e simbólicas do dinheiro, ampliando a compreensão do tema.

O procedimento metodológico incluiu a leitura e análise comparativa das fontes, buscando identificar pontos de convergência nas teorias apresentadas. A análise interpretativa dos conteúdos foi realizada à luz dos conceitos junguianos, especialmente no que tange à relação entre arquétipos, inconsciente coletivo e o valor simbólico atribuído ao dinheiro. A revisão de literatura também foi orientada pela perspectiva de que a educação financeira pode influenciar diretamente o desenvolvimento da autonomia, assim como a compreensão do valor emocional e psicológico associado ao dinheiro.

A técnica de análise de dados utilizada foi a análise de conteúdo, onde os principais temas identificados durante a leitura foram organizados em categorias. As categorias principais refletem as dimensões centrais da pesquisa: o simbolismo do dinheiro na psicologia analítica, a autonomia financeira como expressão de independência individual, e a influência das emoções no comportamento financeiro, abordado pelas finanças comportamentais. Além disso, o estudo também considera o diálogo entre a educação financeira e a psicologia analítica, integrando uma análise sobre como a individuação e o desenvolvimento psicológico são impactados pela relação com o dinheiro.

Na discussão, foram abordados temas como a importância da educação financeira para a promoção da autonomia e da compreensão do valor simbólico do dinheiro, a influência do dinheiro no desenvolvimento psicológico e na individuação, e a análise de programas de educação financeira à luz dos conceitos da psicologia analítica.

Por se tratar de uma análise qualitativa, este estudo não busca realizar generalizações amplas, mas sim compreender, de maneira aprofundada, os aspectos simbólicos e emocionais que envolvem o dinheiro e sua relação com a autonomia pessoal. Portanto, a principal limitação da pesquisa é seu caráter teórico e interpretativo, sem incluir a coleta de dados empíricos diretos, como entrevistas ou questionários.

4. DISCUSSÃO

Este trabalho explorou a relação entre o dinheiro, o desenvolvimento do *Self* e a autonomia financeira sob a perspectiva da psicologia analítica, destacando como o dinheiro transcende sua função econômica para atuar como um símbolo que reflete aspectos profundos da psique humana. A partir de uma revisão teórica ampla, foi possível integrar conceitos de Carl Jung e de autores contemporâneos, criando uma ponte entre o valor simbólico do dinheiro, sua influência no inconsciente coletivo e seu papel no processo de individuação.

A psicologia analítica compreende os símbolos como elementos fundamentais para a estruturação da psique humana. Estudos contemporâneos indicam que o dinheiro, além de sua função material, carrega significados profundos no inconsciente coletivo, sendo associado ao poder, à segurança e à autonomia, além de refletir angústias e desejos humanos (GILÓ; BONFATTI, 2022). Assim como os mitos antigos ajudavam a dar sentido à existência, o dinheiro pode ser interpretado como um arquétipo moderno, funcionando como um meio de projeção psíquica que expressa emoções, valores e aspirações individuais e coletivas (ASSIS; BIZARRIA; TASSIGNY, 2015).

A simbologia do dinheiro foi amplamente explorada por Singer (2000), que argumenta que ele age como um mito contemporâneo, representando sucesso e pertencimento. No entanto, como qualquer símbolo, ele pode tanto promover a autonomia quanto reforçar padrões disfuncionais. Estudos recentes indicam que os símbolos emergem do inconsciente para auxiliar no processo de individuação, permitindo que o indivíduo confronte e integre aspectos desconhecidos de si mesmo (GILÓ; BONFATTI, 2022). Capriles (2009) complementa ao destacar que o dinheiro carrega projeções psíquicas de segurança e medo, podendo funcionar como ferramenta de equilíbrio ou catalisador de angústias, dependendo da relação consciente ou inconsciente estabelecida pelo indivíduo.

O dinheiro está profundamente conectado a arquétipos centrais na psicologia analítica, como o Puer Aeternus e o Velho Sábio. Esses padrões psíquicos influenciam comportamentos financeiros, refletindo desde a impulsividade e a busca por prazer imediato até a prudência e o planejamento de longo prazo. Estudos indicam que a integração desses arquétipos é essencial para alcançar equilíbrio psíquico, permitindo que o dinheiro deixe de ser uma fonte de conflito

interno para se tornar um catalisador de crescimento e desenvolvimento do Self (Giló; Bonfatti, 2022). Nesse contexto, o dinheiro pode revelar motivações profundas, projetando medos, aspirações e padrões inconscientes que podem ser transformados no processo de individuação (Santarelli, 2021).

Os impactos psicológicos do dinheiro são evidentes em problemas como ansiedade financeira, depressão e estresse, que afetam milhões de pessoas em todo o mundo. De acordo com a *American Psychological Association* (APA), 72% dos adultos nos Estados Unidos relatam sentir estresse financeiro, evidenciando a relação entre problemas econômicos e saúde mental (AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, 2022). No Brasil, uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) revelou que 82% dos inadimplentes sofreram impactos na saúde física ou mental devido às dívidas (CNDL/SPC, 2024). Esses dados destacam que o dinheiro não é apenas uma questão prática, mas um fenômeno psicológico com influência direta no bem-estar (LOCKHART, 2001). Nesse sentido, a integração da educação financeira com a compreensão simbólica do dinheiro pode ajudar a mitigar esses impactos, promovendo decisões financeiras mais conscientes e emocionalmente equilibradas (LOCKHART, 2001).

A psicologia analítica oferece uma abordagem para lidar com os desafios relacionados ao dinheiro, compreendendo-o como um símbolo multifacetado que reflete valores individuais e coletivos. Giló e Bonfatti (2022) argumentam que as transações financeiras são carregadas de simbolismo, representando não apenas bens e serviços, mas também identidade, status e valor pessoal. Do mesmo modo, Ribeiro (2021) reforça que a forma como o indivíduo lida com o dinheiro pode revelar padrões inconscientes e conflitos internos que influenciam seu bem-estar emocional e sua capacidade de tomar decisões financeiras equilibradas. Uma abordagem simbólica permite transformar a relação com o dinheiro, ajudando os indivíduos a integrarem essas dinâmicas psíquicas e promovendo maior propósito e controle sobre suas escolhas financeiras.

Este trabalho também propõe que a educação financeira pode se beneficiar de uma abordagem integrativa com a psicologia analítica. Incorporar aspectos simbólicos e inconscientes em programas de educação financeira permite transformar padrões emocionais disfuncionais e desenvolver habilidades

práticas. Como sugerem Thaler e Sunstein (2021), intervenções sutis podem promover comportamentos financeiros mais saudáveis, alinhados aos valores pessoais. Ao incluir o simbolismo do dinheiro nesses programas, é possível abordar tanto as complexidades emocionais quanto as práticas das finanças pessoais, transformando o dinheiro em uma ferramenta de realização do *Self*.

Ao compreender o dinheiro como uma linguagem simbólica, é possível criar estratégias educativas que ajudem os indivíduos a integrarem seus valores internos com suas escolhas financeiras, promovendo maior autonomia e qualidade de vida. Isso é relevante em uma sociedade onde o dinheiro muitas vezes se torna um fim em si mesmo, exacerbando o consumismo e reforçando desigualdades.

Embora este estudo ofereça contribuições teóricas significativas, ele apresenta limitações importantes. A metodologia qualitativa, baseada em revisão de literatura, não inclui dados empíricos ou estudos de caso que validem as hipóteses levantadas. Além disso, a abordagem simbólica do dinheiro, apesar de rica, é subjetiva e pode variar conforme contextos culturais e individuais. Pesquisas futuras poderiam investigar como intervenções baseadas na psicologia analítica afetam relações financeiras em diferentes contextos, com atenção especial a grupos vulneráveis.

O dinheiro, ao ser interpretado como um símbolo psíquico, oferece uma lente poderosa para compreender as dinâmicas emocionais e comportamentais das pessoas. Ele não é apenas um recurso material, mas um reflexo dos valores, ansiedades e aspirações humanas. Ao integrar os conceitos da psicologia analítica com a educação financeira, é possível promover intervenções que favoreçam o equilíbrio entre o material e o simbólico, ajudando os indivíduos a alcançarem maior autonomia financeira e liberdade interna.

Essa abordagem transforma o dinheiro de uma fonte de angústia em um catalisador para o desenvolvimento pessoal, fortalecendo o *Self* e alinhando escolhas financeiras aos valores e objetivos mais profundos de cada indivíduo.

5. CONCLUSÃO

Este estudo buscou investigar a relação entre dinheiro, desenvolvimento do *Self* e autonomia financeira sob a perspectiva da psicologia analítica, oferecendo uma análise integrativa que abrange aspectos simbólicos, emocionais e técnicos das finanças pessoais. A partir da revisão de literatura, foi possível compreender que o dinheiro transcende sua função econômica, tornando-se um símbolo arquetípico com significados profundos, capaz de moldar comportamentos e influenciar diretamente o processo de individuação.

A psicologia analítica revelou que o dinheiro opera como um mediador entre o consciente e o inconsciente coletivo, projetando valores, aspirações e conflitos psíquicos. Esse papel simbólico, muitas vezes negligenciado em abordagens financeiras tradicionais, representa uma oportunidade de integrar saúde mental e educação financeira. Nesse contexto, a autonomia financeira não é apenas uma questão prática, mas também um marco psicológico que fortalece o *Self* e promove bem-estar emocional.

Os dados demonstram a necessidade urgente de intervenções que considerem os impactos psicológicos do dinheiro, tais como estresse financeiro, ansiedade e depressão. Ao integrar aspectos simbólicos e inconscientes em programas de educação financeira, é possível ressignificar comportamentos disfuncionais, alinhar escolhas financeiras aos valores pessoais e fomentar a construção de uma vida mais consciente e equilibrada.

Apesar das contribuições teóricas, este estudo apresenta limitações que merecem destaque. A abordagem qualitativa, baseada em revisão de literatura, limita a generalização prática e não oferece dados empíricos para validar as hipóteses propostas. Além disso, a dependência de fontes secundárias restringe a amplitude da análise. Esses pontos abrem caminhos para futuras pesquisas que integrem dados empíricos, estudos de casos clínicos e intervenções práticas, aprofundando a relação entre dinheiro, saúde mental e autonomia financeira.

Conclui-se que o dinheiro, quando compreendido como um símbolo psicológico, apresenta uma perspectiva transformadora para a psicologia analítica e a educação financeira. Ao conectar dimensões técnicas e emocionais, ele deixa de ser apenas uma ferramenta de troca econômica, passando a atuar

como um catalisador de desenvolvimento psíquico e autonomia. A integração dessas dimensões pode não apenas melhorar comportamentos financeiros, mas também fortalecer o *Self* e contribuir para a construção de uma sociedade mais consciente e emocionalmente saudável.

6. REFERÊNCIAS

AMARAL, Renata Mendes; OLIVEIRA, Thiago Cunha de. Educação financeira e fatores emocionais: um estudo com discentes e egressos do curso de Ciências Contábeis. *Revista de Ciências Contábeis*, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 45-60, 2025. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/contabeis/article/view/3730/2197>. Acesso em: 07 out. 2024.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. *Stress in America 2022: Money and Inflation*. Washington: APA, 2022. Disponível em: <https://www.apa.org/news/press/releases/stress/2022>. Acesso em: 19 out. 2024.

ANXIETY AND DEPRESSION ASSOCIATION OF AMERICA. *Financial anxiety: exploring the emotional impact of financial stress*. Arlington: ADAA, 2023.

ARAÚJO, D. R.; SILVA, C. A. T. Aversão à perda nas decisões de risco. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, v. 1, n. 3, p. 45-62, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/48928955_Aversao_a_perda_nas_decisoes_de_risco. Acesso em: 19 out. 2024.

ARAÚJO, Felicia Rodrigues Rabelo da Silva. *A vida adulta: dificuldades na entrada da maturidade e na constituição de si mesmo como adulto*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, 2020.

ASSIS, O. F. G. de; BIZARRIA, F. P. de A.; TASSIGNY, M. M. Facetas arquetípicas: análise de caso clínico com suporte na Psicologia Analítica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, v. 15, n. 2, p. 515-536, 2015. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2236-64072015000200009&script=sci_arttext. Acesso em: 30 out. 2024.

ARGYLE, Michael; FURNHAM, Adrian. *A Psicologia do Dinheiro*. Lisboa: Sinais de Fogo Publicações, 2000.

BARROS, Gustavo. Racionalidade e organizações: um estudo sobre comportamento econômico na obra de Herbert A. Simon. 2016. Disponível em: <https://hal.science/hal-03018347/document>. Acesso em: 18 out. 2024.

CASTELLET Y BALLARÀ, Francesco. O dinheiro como conceito central do setting psicanalítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 46, n. 4, p. 141-157, 2012. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486-641X2012000400010&script=sci_arttext. Acesso em: 30 out. 2024.

CAPRILES, Axel. *Dinheiro: sanidade ou loucura?* São Paulo: Cultrix, 2009.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES LOJISTAS; SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO. 82% dos inadimplentes sofreram impacto na saúde física ou mental pelas dívidas em atraso, revela pesquisa CNDL/SPC Brasil. Brasília, 2024. Disponível em: <https://site.cndl.org.br/82-dos-inadimplentes-sofreram-impacto-na-saude-fisica-ou-mental-pelas-dividas-em-atraso-revela-pesquisa-cndlspc-brasil/>. Acesso em: 30 out. 2024.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES LOJISTAS; SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO. 9 em cada 10 inadimplentes sofreram impacto emocional negativo por conta das dívidas em atraso, revela pesquisa CNDL/SPC Brasil. Brasília, 2023. Disponível em: <https://site.cndl.org.br/9-em-cada-10-inadimplentes-sofreram-impacto-emocional-negativo-por-conta-das-dividas-em-atraso-revela-pesquisa-cndlspc-brasil/>. Acesso em: 30 out. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (Cofen). *Brasil enfrenta uma segunda pandemia, agora na saúde mental.* 2022. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/brasil-enfrenta-uma-segunda-pandemia-agora-na-saude-mental/>. Acesso em: 5 out. 2024.

COSTA, A. S. M.; PAULA, M. T. de. A ilusão de controle e o comportamento do investidor individual: um estudo experimental. *Revista Brasileira de Finanças*, v. 12, n. 2, p. 285-307, 2014. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbfin/article/view/40930>. Acesso em: 30 out. 2024.

COSTA, D. F.; CARVALHO, F. M.; MOREIRA, B. C. de M.; SILVA, W. S. Viés de confirmação na tomada de decisão gerencial: um estudo experimental com gestores e contadores. *Revista de Contabilidade e Organizações*, v. 14, e164200, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rco/article/view/164200/168129>. Acesso em: 30 out. 2024.

COVEY, Stephen R. *Os 7 hábitos das pessoas altamente eficazes: lições poderosas para a transformação pessoal*. São Paulo: Best Seller, 2008.

CROSS, Susan E.; BAUMEISTER, Roy F. Adaptive patterns of Self-regulation in pursuit of Self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 84, n. 6, p. 1303-1313, 2003.

DOMINGUEZ, Joe; ROBIN, Vicki. *Your money or your life: transforming your relationship with money and achieving financial independence*. New York: Penguin Books, 2013.

DORAN, Michael. *Rethinking wealth: integrating finance and purpose*. New York: Penguin, 2019.

ENGLERT, Mariana; MILANEZ, Júlia. A relação simbólica entre consumo e identidade no Brasil. *Cadernos de Psicologia Econômica*, São Paulo, v. 3, n. 5, 2024.

FERGUSON, Niall. *A ascensão do dinheiro: a história financeira do mundo*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2009.

FERREIRA, Vera Rita de Mello. *Decisões econômicas: você já parou para pensar?* São Paulo: Évora, 2011.

FERREIRA, Vera Rita de Mello. *Psicologia econômica: estudo do comportamento econômico e da tomada de decisão*. São Paulo: Campus Elsevier, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GILÓ, Karoline Maria da Silva; BONFATTI, Paulo Ferreira. É tudo sobre dinheiro: os aspectos psicológicos do dinheiro na perspectiva da psicologia junguiana. *Cadernos de Psicologia*, Juiz de Fora, v. 4, n. 8, p. 346-370, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br>. Acesso em: 19 out. 2024.

GOMES, M. O desemprego e a saúde mental dos brasileiros. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), 2022. Disponível em: https://www.econ.puc-rio.br/uploads/adm/trabalhos/files/Mono_23.1_Matheus_Gomes_Martins.pdf. Acesso em: 20 out. 2024.

HAMMOND, Claudia. *Mind over money: the psychology of money and how to use it better*. London: Canongate Books, 2016.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Gianchini. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.

HART, K. O dinheiro é como aprendemos a ser humanos. *Sociologia & Antropologia*, v. 9, n. 3, p. 987–1015, set. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sant/a/ySx9wmc4gsC8bTnHSDKnTCL/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 1 out. 2024.

HOUSEL, Morgan. *The psychology of money: timeless lessons on wealth, greed, and happiness*. London: Harriman House, 2020.

HUTZ, Claudia S. Dinheiro e bem-estar: aspectos psicológicos da relação com o dinheiro. *Cadernos de Psicologia Aplicada*, Porto Alegre, 2015.

JUNG, C. G. *Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. ISBN 978-85-326-0373-9.

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, C. G. *O eu e o inconsciente*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

KAHNEMAN, Daniel; DEATON, Angus. High income improves evaluation of life but not emotional well-being. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 107, n. 38, p. 16489-16493, 2010.

KLONTZ, Brad; BRITT, Sonya; ARCHULETA, Kristy; KLONTZ, Ted. *Financial therapy: theory, research, and practice*. New York: Springer, 2011.

KLONTZ, Brad; KLONTZ, Ted. *Mind over money: overcoming the money disorders that threaten our financial health*. New York: Broadway Business, 2009.

KRISHNAMURTI, Jiddu. *A liberdade primeira e última*. São Paulo: Cultrix, 2006.

LOCKHART, Charles E. *Dinheiro e alma*. São Paulo: Paulus, 2001.

MAGALDI FILHO, Waldemar. *O dinheiro e o sagrado: uma leitura das interfaces de fenômenos culturais, religiosos e econômicos e de seus reflexos existenciais, à luz das Ciências Sociais e da Psicologia Analítica*. 2004. 290 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2004.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política. Livro 1*. São Paulo: Boitempo, 2013. Disponível em: <https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/o-capital-livro-1.pdf>. Acesso em: 1 out. 2024.

MAYORGA, W. de M. Treinamento financeiro corrige vieses cognitivos? Uma análise das decisões de consultores de investimentos de um banco brasileiro informada pelas finanças comportamentais. 2024. Dissertação (Mestrado em Economia e Mercados) — Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2024.

MEIRELLES, Valéria Maria. *Atitudes, crenças e comportamentos de homens e mulheres em relação ao dinheiro ao longo da vida adulta*. 2012. 140 p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MEIRELLES, Valéria Maria. Masculinidades, gênero e dinheiro. In: **SOUZA, Rosane Mantilla de; MACIEL JR., Plínio de Almeida; DEFENDI, Edson Luiz**

(orgs.). *Ensaio sobre masculinidades na atualidade*. São Paulo: EDUC, 2022. p. 115-128.

MONEY, John. *The symbolic power of finance*. Londres: Routledge, 2016.

PEZZOTTI, Raquel; RODRIGUES, Pedro. Narrativas financeiras pessoais: reflexões e transformação. *Revista de Psicologia Econômica*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, 2019.

PIKETTY, Thomas. *Capital e ideologia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

PINK, Daniel H. *Drive: the surprising truth about what motivates us*. New York: Riverhead Books, 2011.

PITA, J. F. P. *A utilização de técnicas de nudges no processo de autogestão financeira*. 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada) – Universidade do Minho, Braga, 2023. Disponível em: <https://repositorium.uminho.pt/bitstream/1822/86501/1/Joana%20Filipa%20Pereira%20Pita.pdf>. Acesso em: 30 out. 2024.

PORTO, G. S.; KLOTZLE, M. C.; PINTO, A. C. F.; SILVA, M. E. *Efeito magnitude nas decisões de investimentos*. *Nova Economia*, v. 34, n. 1, e8203, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/neco/a/c6NNY8mVSDBVSqC6X9JYRQt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2024.

RIBEIRO, T. M. Dinheiro e psique: Um olhar junguiano sobre a relação financeira e o inconsciente. *Revista Brasileira de Psicologia e Saúde*, v. 9, n. 3, p. 112-129, 2021. Disponível em: <https://revistapsicologiasaude.com.br/dinheiro-e-psique>. Acesso em: 10 out. 2024.

ROBIN, Vicki. *Dinheiro e vida: alinhando decisões financeiras aos valores pessoais*. Nova York: Penguin, 2008.

RUSSO, G. Amor e dinheiro: uma relação possível?. *Caderno CRH*, v. 24, n. 61, p. 121–134, jan. 2011.

SANTANA, F. P. R. de. *Economia colaborativa e administração pública: limites e possibilidades*. Universidade Federal Fluminense, 2019. Disponível em: <https://ppgdc.uff.br/wp-content/uploads/sites/681/2019/03/ECONOMIA-COLABORATIVA-E-ADMINISTRA%C3%87%C3%83O-P%C3%9ABLICA-Limites-e-Possibilidades.pdf>. Acesso em: 10 out. 2024.

SANTARELLI, M. da C. *A expressão do arquétipo da criança interior na vida adulta: uma abordagem junguiana*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/31453/1/M%C3%B4nica%20da%20Costa%20Santarelli.pdf>. Acesso em: 20 out. 2024.

SANTOS, Pamela Caetano dos; FRANÇA, Paola Machado; BATISTA, Valquiria Constancio. O impacto do planejamento financeiro na qualidade de vida: fatores, benefícios e recomendações. *Revista Foco*, São Paulo, v. 17, n. 10, p. e6589, 2024. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/6589>. Acesso em: 07 out. 2024.

SHAPIRO, Jonathan; BURCHELL, Brendan. Measuring financial anxiety: a pilot study. *Journal of Economic Psychology*, v. 33, p. 21-30, 2012.

SHILLER, Robert. *Narrative economics: how stories go viral and drive major economic events*. Princeton: Princeton University Press, 2020.

SILVA, V. L. da; ULLER, C. M.; SANTOS, J. D. dos; REZENDE, F. A. Análise da motivação de pessoas: um estudo baseado em princípios da Hierarquia de Necessidades de Maslow. *Revista de Administração IMED*, v. 7, n. 2, p. 148-163, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322922323_ANALISE_DA_MOTIVACAO_DE_PESSOAS_um_estudo_baseado_em_principios_da_Hierarquia_de_Necessidades_de_Maslow. Acesso em: 03 out. 2024.

SINGER, June. *Simbolismo e o homem moderno*. São Paulo: Paulus, 2000.

STEVENS, Anthony. *Archetypes: a natural history of the Self.* London: Routledge, 2003.

THALER, R. H.; SUNSTEIN, C. R. *Nudge: The Final Edition.* New York: Penguin Books, 2021.

VIEIRA, Eduardo. Dinheiro como arquétipo moderno: uma análise simbólica. *Estudos Junguianos*, Porto Alegre, 2017.

VON FRANZ, Marie-Louise. *O Puer Aeternus.* São Paulo: Paulus, 2000.

WALDMAN, David; DECHANT, Kathleen. Mindfulness e decisões financeiras: impacto na gestão consciente. *Journal of Financial Psychology*, Londres, v. 6, n. 3, 2010.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.* Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Disponível em: <https://www.sociologiaemos.pro.br/wp-content/uploads/2018/11/A-ETICA-PROTESTANTE-E-O-ESPIRITO-DO-CAPITALISMO.pdf>. Acesso em: 01 out. 2024.

ZANELLO, Vivian et al. Arquétipos financeiros: dinheiro como símbolo na sociedade contemporânea. *Psicologia Econômica*, Brasília, 2015.